

Jill
Mansell

Três é Demais

Tradução de Isabel C. Penteado

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

Outros títulos da autora:

A Felicidade Mora ao Lado

A Pensar em Ti

Doce Vingança

Irresistível Tentação

Uma Oferta Irrecusável

Resistir ao Amor

Romance Atribulado

Encontro Inesperado

Amores Proibidos

Pura Malícia

Paixões à Solta

Jogos Secretos

Para Cory, com todo o meu amor

Capítulo 1

Enquanto acordava, ainda sonolenta, Cass Mandeville esticou um braço e encontrou pele nua e quente. Deu-lhe uma leve palmada. Quando, por sua vez, a pele nua e quente se mexeu e o proprietário balbuciou: «Ok, ok», Cass apoiou-se num cotovelo e deu um beijo brincalhão e carinhoso na parte de trás do pescoço do marido.

— Hoje são quarenta e um, — cantou ela em voz baixa, — hoje são quarenta e um...

Jack rebolou até ficar deitado de costas e espetou-lhe um dedo nas costas.

— Faço quarenta.

— Eu sei, mas não encaixa na música. — Cass espetou-o também. — E quarenta já é suficientemente vergonhoso. Achas que um velhote como tu devia estar deitado na cama assim todo nu? Tens a certeza que não estarias mais confortável com um pijama de riscas e uma camisola interior de rede?

Jack beliscou a carne macia do topo da coxa dela.

— Ótima ideia. E tu podes empacotar-te numa daquelas camisas de noite de flanela com folhinhos e um cordão em volta da bainha, para impedires que velhotes como eu se aproveitem de pintainhas como tu. Cass, é o meu aniversário — disse ele num tom persuasivo. — Não peço muito, apenas um beijo da minha querida mulher e uma chávena de chá na cama.

Cass deu risadinhas quando ele começou a depositar-lhe beijos pelo braço acima.

— Só isso?

— Bem, torradas com marmelada também não seria nada mau. — Os beijos chegaram ao cotovelo dela. — Depois, talvez uma ou duas sanduíches de bacon com cogumelos e alguns jornais para me fazerem companhia.

— Eu podia fazer-te companhia.

Os beijos, que tinham chegado ao ombro, pararam abruptamente. Jack olhou-a com uma expressão triste.

— Vais estar ocupada a fazer as sanduíches de bacon com cogumelos.

Além disso, o que ia eu querer com uma mulher de trinta e nove anos? Nós, os velhotes, preferimos moçoilas jovens e belas, nunca com mais de vinte e três, que nos digam o quão maravilhosos somos.

— Quão grisalhos, queres tu dizer. — Cass passou alegremente os dedos pelas têmporas do marido, onde os primeiros cabelos cinzentos se misturavam com o cabelo negro, desalinhadamente penteado para trás, que parecia estar sempre a precisar de corte.

— Cass, meu anjo. — Jack estava já com um tom de súplica. — Estou a morrer de fome. É o dia dos meus anos. Chávena de chá. Sanduiche de bacon...?

— Aaargh! — Em resposta, ela esticou o braço, agarrou no relógio-despertador e sacudi-o energeticamente. — Merda, parou! Jack, que horas são?

— Não me digas que passámos o dia todo do meu aniversário a dormir — resmungou ele, não vendo motivo para pânico. O seu relógio, um *Sekonda* pouco atraente mas infinitamente confiável, estava pousado na mesinha de cabeceira do lado onde ele dormia. — Nove e quarenta e cinco. É assim tão desesperador?

De facto, era. Com uma pontada de culpa, Cass lembrou-se de que não tinha tido coragem de lhe falar da entrevista daquela manhã com as pessoas da revista *Hi!*. Depois de, na semana anterior, ter-se visto obrigada a adiá-la constrangedoramente em cima da hora porque se tinha esquecido de que deveria entregar os prémios do dia do desporto na escola de Sophie, Cass não tinha tido coragem de dizer não quando a *Hi!* tinha sugerido remarcar a visita para aquela manhã.

A *Hi!* era uma das inúmeras revistas que estavam a lucrar com o sucesso fenomenal da fórmula iniciada pela *Hello!*; uma fórmula que era alvo de troça de muitos, mas devorada por milhões. Cass, que lia essas revistas, gostava de ver como as outras pessoas viviam. Aparecer naquelas publicações — anos antes ela tinha sido entrevistada pela *Hello!* — era simultaneamente lucrativo e indolor, porque a pessoa sabia que não havia qualquer hipótese de o jornalista lamechas escrever um comentário menos elogioso acerca dela própria, da sua família, ou acerca da decisão de usar papel de parede axadrezado a rosa e verde.

O senão era Jack, que considerava aquelas revistas completamente repugnantes, um insulto ao jornalismo e ainda por cima uma autêntica caca. Na altura em que a *Hello!* tinha entrevistado Cass, Jack estivera ausente por um mês a trabalhar na Austrália. Quando regressara, ela tinha facilitado a comunicação do facto consumado apresentando-lhe uma estufa nova *in situ* e já paga com a quantia absurdamente generosa oferecida pela revista.

A revista tinha feito uma oferta irrecusável a Cass. O problema, tal como Jack acremente salientara, era ela não ser capaz de recusar nada a

ninguém. Ela teria aceite mesmo que lhe tivessem oferecido cinquenta cêntimos para atravessar a nado o Canal da Mancha.

Oh, céus, pensou Cass com o coração ligeiramente acelerado com a perspetiva de ter de lhe dizer agora, *e desta vez eu aceitei por menos ainda*.

— O que foi? — Observando-a, Jack franziu o sobrolho. — Estás nervosa. Estás com ar de culpada. O que é?

— Ah...

— Mãe, pai. Está uma pessoa lá em baixo para falar convosco! — berrou Sophie, do outro lado da porta do quarto. Ela parecia estar a gritar com a boca cheia de cornflakes, o que era bastante provável.

Jack ergueu as sobrancelhas. Voltou a olhar para Cass. — Uma mensagem entregue por uma *stripper*?

Cass hesitou, interrogando-se ainda qual seria a melhor forma de lhe dizer.

— Sophie! — gritou Jack. — Essa pessoa está, por algum acaso, de meias e cinto de ligas?

— Não sei, não olhei. — Mesmo através da porta fechada, foi possível ouvirem o suspiro prosaico da filha de catorze anos. — Acho que é possível. Queres que pergunte ao sujeito?

Não valia a pena. Tão incapaz de deixar convidados à espera, como de dizer não, Cass agarrou num robe de cetim às listas rosas e brancas e borboletas amarelas, e vestiu-o.

— Vou fazer o chá. O sujeito é um jornalista que veio entrevistar-nos. Eu fui praticamente obrigada a aceitar — continuou ela apressadamente quando, com um enorme gemido, Jack começou a deslizar para debaixo do edredão. — Fizemos um programa, com participação telefónica dos ouvintes, sobre as melhores formas de angariar fundos, e ligou para lá uma menina adorável para dizer que nunca nos tinha visto entrevistados numa revista e a perguntar porque é que não o fazíamos e doávamos o dinheiro à caridade.

— Meu Deus... — Jack já tinha desaparecido de vista.

— Por isso eu disse que era uma boa ideia, porque que mais podia eu dizer num programa em direto na rádio? — protestou Cass. — E, poucos minutos depois, a editora da *Hi!* estava ao telefone a prometer dez mil libras a uma instituição de caridade à minha escolha se eu aceitasse a proposta.

Os gemidos incrementaram em volume. — E quem era a menina adorável? A secretária dela?

— Oh, isso *não* é justo...!

Jack levantou as sobrancelhas numa expressão de incredulidade perante a ingenuidade da mulher. Cass era quase tão sabida como o Bâmbi.

— Talvez não, mas aposto como é verdade.

— És tão cínico — protestou Cass.

— Isso é por eu ser tão velho. — Jack sorriu ligeiramente e sentou-se na cama. — Vai lá, querida. O problema é teu, resolve-o. Mais uma razão para eu ficar na cama.

— Olá, peço imensa desculpa tê-la feito esperar tanto tempo!

Alvorçada e ofegante, Cass chegou ao piso térreo e encontrou a visita à espera na cozinha. Sophie tinha estado a brincar, não se tratava de uma visita masculina com tendências para o travesti, mas de uma rapariga de aspeto simpático, na casa dos vinte, trajando uma jaqueta justa verde-escura e uma saia curta vermelha que chocavam maravilhosamente com o cabelo às madeixas cor de laranja.

Para piorar ainda mais as coisas, estava sentada à mesa da cozinha que se encontrava repleta de restos do pequeno-almoço atribulado de Sophie e de pratos do jantar da noite anterior. Tardiamente, como sempre, Cass lembrou-se de que a Sra. Bedford só chegaria ao meio-dia porque o marido precisava da companhia dela para não desmaiar no dentista.

— A sério, não tem problema. — A rapariga levantou-se, sorriu e apertou a mão de Cass. — De qualquer forma, a culpa é minha. Cheguei antes da hora. É um defeito meu.

— E eu sou sempre irremediavelmente desorganizada — admitiu Cass com um suspiro. — Esqueci-me de ligar o despertador ontem à noite, por isso dormimos de mais. Oh, céus, isto é terrível... O que deve estar a pensar de nós? A Sophie ofereceu-lhe, ao menos, um chá?

Cass estava a começar a desorientar-se. Quando tentava limpar freneticamente a maior parte da confusão que estava em cima da mesa, a manga larga do robe prendeu-se na pega do jarro de leite em forma de vaca, uma monstruosidade horrível que lhes tinha sido oferecida no Natal pela Sra. Bedford. Antes de Cass ter tempo de se aperceber do que tinha acontecido, uma onda gigantesca de leite atingiu-lhe a manga e a frente do robe. A vaca deslizou, de pernas para o ar, mesa fora.

Como um relâmpago, a rapariga do traje elegante esticou uma mão esbelta e apanhou a vaca antes que caísse ao chão.

— Bem, que reflexos! — disse Cass com a voz entrecortada. Depois olhou com consternação para o leite que pingava da frente do robe. — Ugh! É exatamente como quando se está a amamentar.

— Olhe, porque não se senta? — Para seu espanto, a rapariga estava a tomar o controlo da situação, a empilhar pratos sujos e a transferi-los rapidamente para a pia. A cafeteira elétrica foi ligada, o jarro de leite cheio. Por aquele andar, Jack corria o risco de ter o pequeno-almoço feito por alguém muito mais eficiente que a própria mulher.

— Desculpe, parece que vai ser um daqueles dias. — Cass só conseguiu sentar-se, observar e fazer uma expressão adequadamente grata. Pareceu-lhe mais seguro.

— Você acabou de acordar. Eu sou exatamente o mesmo. — A rapariga dirigiu-lhe um sorriso tranquilizador.

— Mas você veio cá fazer uma entrevista, e olhe para o estado desta casa...

— Deixe-me dizer-lhe que é bom para variar. — A rapariga riu-se. — Habitualmente só vejo casas-modelo cintilantes onde temos medo até de pisar a carpete. É muito mais tranquilizador saber que as pessoas que entrevistamos são humanas. Bem, leite e açúcar para si? Está suficientemente forte?

Aceitando a chávena de chá, Cass sentia-se quase pateticamente grata.

— Está a ser muito simpática. Ainda não posso crer que a Sophie não se tenha oferecido para lhe fazer um — disse ela, irritada. — Ela habitualmente é bastante amável.

A rapariga sentou-se em frente dela.

— Bem, ela perguntou-me se eu trazia meias com ligas.

Cass gemeu e agarrou-se à cabeça. — Oh, céus...

Durante o quarto de hora seguinte, a rapariga da *Hi!*, cujo nome era Imogen Trent, fez mais chá, ajudou Cass a encher a máquina de lavar louça e regalou-a com histórias discretamente caluniosas de outras celebridades que tinha entrevistado no decorrer do último ano. Encantada com a simpatia, a simplicidade e o sentido prático dela, Cass esqueceu-se completamente de que Jack estava na cama à espera que lhe levasse o pequeno-almoço. Só depois de darem sumiço a cinco croissants entre as duas — estranhamente, as migalhas do folhado não se colavam em volta da boca de Imogen como à volta da sua —, é que Cass se lembrou, com um sobressalto, quando ouviu o som de mais cartas do que o habitual serem enfiada pela ranhura da correspondência.

— Raios... divórcio instantâneo. — Acabou de beber apressadamente o chá, voltou a encher a chávena e começou a juntar o açúcar. Jack gostava de chá sem leite e horrivelmente doce.

Imogen sorriu abertamente. — Posso citar esse comentário?

— Hoje é o aniversário do Jack. Eu devia ter levado isto lá para cima há vinte minutos. — Enquanto falava, Cass ouviu o som de passos mal-humorados nas escadas.

— Ah — disse Imogen, quando a porta da cozinha se abriu. Ela não pareceu de todo ficar intimidada com o olhar de irritação que Jack lhe lançou. — Sr. Mandeville. Muitos parabéns.

Numa das mãos, Jack segurava correspondência diversa. Uma parte eram cartões e outra faturas. Com a mão livre, pegou na chávena que Cass lhe estendeu e engoliu de uma vezada o conteúdo tépido.

— Desculpa, querido. Esta é a Imogen Trent. — Cass incitou-o silenciosamente a sorrir. — Ela foi maravilhosamente compreensiva com toda esta confusão. Bem, o que é que tu querias? Bacon e cogumelos...?

Jack, que tinha vestido uma sweatshirt cor-de-rosa clarinho e umas calças de fato de treino cinzentas, tirou as chaves do carro do gancho no guarda-louça.

— Vou ao clube nadar um bocado. Talvez jogue uma partidinha de squash.

Não valia a pena protestar; ele estava, nitidamente, decidido.

— Ok. Até logo. — Cass fez um olhar apologetico.

— Vai estar cá amanhã à tarde para as fotografias, não vai? — Imogen virou-se para trás na cadeira para olhar para ele.

Jack, por sua vez, olhou para a saia dela. Não sorriu.

— Não.

Depois de ele sair e de Cass ter vestido rapidamente uma t-shirt branca e umas calças de ganga, Imogen disse: — Certo — e preparou-se para dar início à entrevista. Tirou um pequeno gravador de voz da mala e colocou-o na mesa entre as duas.

— Prometa que não vai dizer nada sobre o Jack ter sido antipático — pediu-lhe Cass. — Regra geral, ele não é nada assim. Não quero que você pense que somos um daqueles casais de pesadelo que apenas fingem ser loucos um pelo outro.

— Por favor — protestou Imogen. — Isto é a *Hi!*, lembra-se? Você e o seu marido podiam andar a atirar granadas um ao outro que nós ainda íamos dizer que tinham o casamento mais feliz de Londres. Para além do mais, — acrescentou com um sorriso crescente, — você tem *mesmo* um dos casamentos mais felizes de Londres. É famosa por isso... marido maravilhoso, filhos fantásticos, carreira brilhante... Convenhamos, é a felicidade completa.

— Bem, é simpático da sua parte dizer isso. — Cass hesitou, desconfortável com tamanho elogio. — Acho que tenho tido muita sorte...

— Ora, não seja modesta — ralhou Imogen. — É algo saído de um conto de fadas, não é? Quantas mulheres têm realmente tudo? E o mais fantástico, penso eu, é o facto de as pessoas não terem inveja. Estão contentes por si porque todas gostam de si. — Fez uma pausa e depois disse: — Você dá-lhes esperança.

Cass fez um ar de espanto. — Esperança?

— Sim! Pense nas suas fãs: as donas de casa, enfiadas em casa com

os filhos, a ouvir o seu programa — disse entusiasticamente Imogen. — A questão é que você já foi assim em tempos. E agora está aqui, mas não deixou que isso lhe subisse à cabeça, continua a ser maravilhosamente natural... Por isso elas podem ouvi-la e sonhar em fazer das suas vidas um sucesso, assim como você fez. — Encolheu os ombros e concluiu alegremente: — Bem, é essa a minha teoria.

A rir-se, Cass disse: — É isso que vai dizer na sua revista?

— Esse tipo de coisa. — Imogen sorriu para ela. — Na verdade, tudo. Isto é, eu conheço a maior parte da história, mas se pudesse relatar-me os primeiros tempos, como se envolveu com a rádio e como é que a coisa progrediu a partir daí... É disso que o público mais gosta, não é? Dos começos humildes.

Capítulo 2

O começo de Cass não tinha sido assim tão humilde, mas ela sabia que a oportunidade que lhe tinham dado na rádio tinha um certo toque de conto de fadas. O primeiro encontro com Jack Mandeville, vários anos antes, tinha sido igualmente romântico. Bem, tão romântico quanto possível para um encontro entre dois adolescentes nos carrinhos de choque...

Era o décimo quinto aniversário de Cass e a sua mãe protetora tinha-a autorizado, com relutância, a ir à feira no parque de Wandsworth com a amiga Annie Murray desde que ela não falasse com nenhum rapaz. Assim que se tinham afastado o suficiente para não serem vistas da casa, as duas raparigas tinham encurtado as saias em cerca de um palmo, enrolando as cinturas como rolos suíços, e tinham coberto a cara uma da outra com maquilhagem estritamente proibida surripiada à irmã mais velha de Annie. Nada surpreendentemente, assim que tinham chegado ao parque onde a feira de sábado à tarde estava em plena atividade, tinham atraído todo o tipo de atenções, em particular o interesse descarado de um par de motards com casacos de cabedal vindos de Walthamstow. Com a cara cheia de borbulhas, imundos e muito parcos em modos, não eram, de todo, o que Cass e Annie tinham em mente. Nem tinham aceitado bem a rejeição.

— Cabras presunçosas — grunhiu o mais alto dos dois, que tinha ficado de olho em Cass. Com os longos cabelos louros, os olhos brilhantes e as pernas divinais, era exatamente o estilo dele.

— Ugh, ignora-os! — gritou Annie, empurrando Cass na direção dos carrinhos de choque. — Oooh, olha aquele rapaz que está a recolher o dinheiro! Parece mesmo o Elvis... rápido, tu saltas para aquele azul e eu fico com o encarnado! Vê se consegues meter conversa com ele... ele é de sonho.

Os motards com os casacos de cabedal franjados tinham outras ideias. Nada satisfeitos por terem sido ignorados e decidindo que as cabras presunçosas precisavam de quem as pusesse no devido lugar, salta-

ram para dois carrinhos de choque e começaram a chocar violentamente contra os carros de Cass e de Annie. De cada vez que batiam com os carros nos delas, vaiavam e assobiavam. Sem achar a mínima piada, Cass começou a ficar assustada, mas o sócio do Elvis estava a doze metros de distância a engatar duas morenas. Entretanto, ela deu por si a ser gradualmente empurrada para um canto. Os motards, que por essa altura já tinham decidido concentrar as suas atenções nela, faziam ameaças cada vez piores.

A ajuda estava à mão. Assim que os carros pararam, no momento em que Cass se interrogava se as suas pernas trémulas conseguiriam suportá-la, sentiu alguém levá-la do carro num movimento suave. Uma mão forte agarrou na sua e não lhe deixou outra alternativa senão seguir o seu salvador degraus abaixo, para longe dos carrinhos de choque e, num rápido zigzague, pelo meio da multidão, até estarem em segurança longe do alcance da vista.

— Oh, obrigada — disse Cass com a voz entrecortada e ofegante, encostando-se à parede ruidosa de uma barraca de cachorros-quentes. — Estava tão assustada... Eles não devem vir atrás de nós, pois não?

— Não me parece. — O rapaz, que ela nunca tinha visto, olhou de relance por cima do ombro. Os seus olhos escuros cintilaram. — Bem, se calhar para jogar pelo seguro...

Com o coração disparado, Cass não discutiu quando ele a conduziu rapidamente pelos degraus de um comboio-fantasma. Enquanto ele revisitava os bolsos das calças de ganga em busca de dinheiro para pagar os dois bilhetes, Cass examinou secretamente o seu salvador, que lhe pareceu ser um ano ou dois mais velho do que ela própria.

O cabelo dele, tão escuro que era quase preto, era relativamente comprido e estava penteado para trás. Ele tinha uns olhos castanhos-escuros cristalinos, um nariz ligeiramente sardento e uma boca engraçada, do tipo que parecia estar a sorrir mesmo quando não estava. O rapaz era alto e magro, o que também agradava a Cass. O seu último namorado tinha sido um centímetro mais baixinho que ela e o esforço de estar continuamente a tentar parecer mais baixa do que ele tinha sido estafante.

Com um sobressalto, ela apercebeu-se do quão presunçosa estava a ser. Estava a pôr o carro adiante dos bois! A sua imaginação estava tão desenfreada e ela ainda nem sequer sabia o nome dele.

Era Jack, soube ela depois, assim que se instalaram a salvo no comboio.

— Cass — disse Cass, indagando-se se também conseguiria descobrir o sobrenome dele. Annie decerto iria perguntar, já que os sobrenomes eram vitais. Afinal, havia algum sentido em sequer dar-se ao trabalho de conhecer alguém chamado Winkle ou Shufflebottom? Demasiado embaraçoso

para namorar, afirmava terminantemente Annie, quanto mais para casar. Cass corou no refúgio da escuridão e pigarreou. — Cass Ashton.

— Bem, se queres ser formal, — disse descontraidamente Jack, — John Marius Frederick Rothschild terceiro.

O comboio avançou aos soluços pela pista instável e trepidou ao dar a primeira curva. Ficaram totalmente envoltos pela escuridão e algo com a textura de uma gigante teia de aranha deslizou sobre o rosto de Cass.

— Rothschild? — perguntou ela ofegante. — Estás a brincar!

— Por favor, não é nada de extraordinário. — No momento em que Jack soltava um suspiro, um uivo arrepiante ecoou na escuridão por cima das suas cabeças. — Se estiveres assustada, — disse ele como se nada fosse, — podes agarrar-te a mim.

— Muito obrigadinha — disse Annie quando os dois emergiram finalmente, a piscar os olhos, para a luz do Sol. Estava encostada à vedação branca que circundava o carrossel e parecia realmente muito zangada.

— Desculpa. — Cass sentiu um acesso de culpa atrasado. — Pensei que eles só estivessem a incomodar-me a mim. Estás bem?

— Bem, estou viva.

Annie não estava apenas zangada, estava profundamente enciumada. Já era de esperar que Cass fosse salva, se não por um cavaleiro num cavalo branco, então por um rapaz lindo de morrer envergando uma t-shirt dos Led Zeppelin.

— Rothschild! — guinchou Annie, depois de Cass lho ter apresentado orgulhosamente. — Ora, não somos todas assim tão ingénuas como a Cass!

— E nem tão bonitas. — Jack estava a sorrir, mas o brilho nos seus olhos escuros indicava que estava a falar a sério. — Porque achas que eu a salvei a ela e não a ti?

Tinha sido o fim da amizade entre Annie e Cass.

— Ainda bem — afirmou descontraidamente Jack. — Com amigas assim, só ias acabar por ficar falada. De resto, tu já não precisas dela. Tens-me a mim.

Tinha sido um romance de adolescência tipicamente intenso. O único aspeto que fugia ao típico era o facto de não ter acabado. Cass adorava Jack, mesmo que o nome dele não fosse realmente Rothschild, e passavam o tempo todo juntos. De início, a mãe dela não gostou, queixava-se que Cass devia andar a divertir-se em vez de se prender assim tão nova. Mas depois de saber o que as colegas livres da filha andavam a fazer em noites desvairadas na discoteca local, calou-se. Jack Mandeville era inteligente, encantador e educado, era uma companhia muito divertida e uma pessoa extremamente motivada. Como podia queixar-se, quando ajuda-

va a preguiçosa Cass a levantar as notas? Observando os dois a estudarem juntos no relvado acabado de aparar, a fazerem revisão para os exames finais, Geraldine Ashton constatou que tinha muito por que agradecer. Era uma pena que Jack tivesse apenas dezasseis anos. Para genro, mais dez anos seria perfeito.

Ela não teve de esperar tanto tempo. Continuando a desafiar as probabilidades, Jack e Cass mantiveram-se juntos nos dois anos seguintes. Os exames finais passaram, Cass ficou mais loura, mais bela e ainda mais dedicada e Jack — mais bonito que nunca — conseguiu uma cobiçada vaga para estudar Economia em Cambridge.

Menos ambiciosa e sem ter a mais pequena ideia do que queria fazer em termos de carreira, Cass acabou por ir, sem motivação, estudar Inglês na bastante menos prestigiada escola politécnica de Bristol. Partilhava uma casa com mais cinco estudantes em Clifton, detestava o curso e tinha umas saudades terríveis de casa. Ou, mais corretamente, de Jack.

Todas as noites, em vez de trabalhar em ensaios, Cass escrevia longas cartas desoladas a Jack. Cada vez que ele lhe telefonava, ela chorava tanto que mal conseguia falar. Sempre que tinha oportunidade, ou apanhava o autocarro da National Express para Cambridge ou se encontrava a meio caminho com ele, em Londres.

— Isto é inútil — disse Jack, abraçando-a na noite em que ela completava dezanove anos e que tinha passado lavada em lágrimas porque só daí a pelo menos um mês é que tornariam a encontrar-se. Ele sentia tantas saudades de Cass como ela dele. Os trezentos e vinte quilómetros que os separavam não estavam a fazer bem algum a nenhum dos dois.

Cass limpou a cara à manga da camisola azul-escuro dele e fungou ruidosamente. — Odeio Bristol! Odeio todos os meus colegas! — Ela soluçava lastimosamente. — Nunca irei passar nos exames, Jack. Odeio tanto tudo que nem consigo pensar. — Com um ar de desafio, acrescentou: — E sinto tanto a tua falta que nem me ralo.

— Nesse caso, — disse Jack, — é melhor avisares que vais deixar a escola.

— A sério? — Os olhos de Cass brilharam. Os joelhos cederam com o alívio. Ela tinha passado os últimos seis meses a suplicar para a deixar ir embora, mas Jack sempre tinha negado e dito que as coisas iriam melhorar com o tempo.

— Eu sei o que disse. — Jack fez um sorriso pesaroso. — Mas não funcionou, pois não? Acho que é melhor casarmo-nos. Céus, a tua mãe vai ter um ataque!

Cass nunca tinha sido tão feliz. O seu filme favorito de todos os tempos era *Love Story*, onde Ali McGraw se apaixonava por Ryan O'Neal. Agora

ela e Jack estavam a viver a sua história de amor. Eram mais felizes que as duas personagens do filme, estavam ainda mais apaixonados e o melhor de tudo é que ela não tinha intenção de morrer desoladoramente de leucemia no fim.

Capítulo 3

— Então? Ela sempre teve? — Imogen, que adorava histórias de amor, mal podia esperar para ouvir o resto. — Quero dizer, a sua mãe. Ela teve algum ataque?

Cass sorriu abertamente. — Oh, completamente. Embora tenha sido mais para o espetáculo do que outra coisa... sabe, ela achava que não podia deixar de fazer o papel da mãe indignada porque eu era demasiado nova e inexperiente. Pobre mãe, não parava de dizer: «E a revolução sexual? Estamos nos anos setenta, por amor de Deus!» Ela adorava o Jack, mas até no copo-d'água não parava de me indicar homens lindos enquanto me sussurrava ao ouvido: «Vê o que estás a perder».

— Mas nada de ressentimentos, claro.

— Nenhum. — Cass abanou a cabeça com uma expressão sonhadora. Depois sorriu. — O Jack é o único homem com quem dormi, ou quis dormir. Acho que somos uma espécie um pouco rara nos tempos que correm.

— Especialmente considerando os círculos em que se movimentam. — Imogen anuiu com a cabeça, impressionada. — Bem, mas estou a interromper. Continue.

Cass encolheu os ombros. — Que posso dizer? Éramos pobres, mas enjoativamente felizes. Eu arranjei emprego como empregada de mesa para ajudar com a renda e adorava-o muito mais do que alguma vez adorei a escola. Não que tivesse durado muito tempo; poucas semanas depois do casamento, descobrimos que eu estava grávida do Sean. Quando ele chegou, nós estávamos mais pobres que nunca, mas isso não parecia incomodar-nos. Então, logo em seguida, apareceu a Cleo e pronto. Eu estava com vinte e um anos de idade, era dona de casa, tinha dois filhos... não era, de todo, o tipo de carreira brilhante que a minha mãe tinha ambicionado para a única filha!

— E, entretanto, o Jack estava a tirar o seu diploma, a construir a base da sua própria carreira brilhante — comentou Imogen secamente. Inclinou a cabeça para um lado. — Alguma vez sentiu o mais ínfimo ressentimento por ter sido você a ter de desistir de tudo?

— Não. — Cass falava com simples sinceridade. — Era o que eu tinha desejado. Jack e eu estávamos juntos. E tínhamos os nossos filhos. Nessa altura nem sequer me passava pela cabeça que eu tinha desistido de alguma coisa... pelo menos, de alguma coisa de que pudesse vir a arrepender-me.

— Algumas pessoas são donas de casa naturais. — A sorrir, Imogen ejetou a pequena cassete, virou-a ao contrário e começou a gravar o segundo lado. — Deve ser encantador. Não sei se seria capaz de o fazer.

— Ah, era capaz de ficar surpreendida. — Cass falava com entusiasmo. — As pessoas falam em ficar presas em casa com as crianças, mas há tantas coisas que se podem fazer, mesmo sem carradas de dinheiro... bem, como contactar a rádio local quando eles fazem aqueles programas com a participação do público.

Imogen, bem como o resto do país, já sabia disso. Tinha sido assim que Cass obtivera a sua primeira oportunidade na rádio; quando, enquanto supostamente típica jovem dona de casa e mãe, o seu sentido de humor, risinho irresistível e infalível habilidade para dizer o que todos gostariam de ter dito, atraiu a atenção de todos os que a escutavam no ar. Cass era realista. Era fluente, engraçada e nunca, *jamais*, dizia «hum... sabe como é». O apresentador do programa, fartíssimo da habitual lista deprimente de chamadas de gente esquisita, de chatos e de pessoas que salpicavam todas as frases com «hum... sabe como é», ficou encantado com o jeito delicioso, desprezioso e descontraído de Cass. Tomando a iniciativa extremamente rara de ligar para ela depois do final do programa, Terry Brannigan incitou-a a tornar-se uma presença habitual. Pouco tempo depois, estava a contactar Cass para lhe perguntar qual havia de ser o tópico de discussão do dia seguinte. Quando Sean, quase com três anos, foi internado no hospital com sarampo e Cass faltou a uma semana inteira de programa, a estação de rádio foi inundada de queixas. Apercebendo-se de que tinha uma potencial estrela entre mãos — para não dizer uma forma infalível de fazer subir as audiências —, Terry falou primeiro com o seu produtor, depois com Jack e Cass e conseguiu chegar a um acordo. Cass tornou-se sua coapresentadora.

A dupla prosperou. Em conjunto, Terry e Cass eram uma fórmula vencedora. Os índices de audiência dispararam. Terry, um provocador implacável, fazia troça de Cass e dizia aos ouvintes que ela era uma desmazelada de rolos no cabelo e avental florido que fazia Hilda Ogden parecer chique. Imperturbada com os terríveis insultos, Cass dava risadinhas e dava o seu melhor. Com a sua voz rouca, e lindamente modulada, ninguém acreditava que ela estivesse tão estragada ou fosse tão horripilante como Terry dava a entender. Além disso, existia aquela química indefinível entre os dois que denunciava a brincadeira, a química particularmente tentadora que só exis-

te entre um homem que sente uma enorme atração por uma mulher e uma mulher que, por sua vez, o trata como melhor amigo.

Quando chegou a hora de deixar Cambridge — Jack tinha recebido o diploma com distinção e tinha-lhe sido oferecido trabalho como jornalista político num dos melhores jornais nacionais —, Cass pediu simplesmente a demissão. Terry meteu-se monumentalmente nos copos e uma semana depois chegou à conclusão de que também tinha de sair. Era como Wise sem Morecambe, Torvill sem Dean. E sem que Cass alguma vez se tivesse apercebido, ele tinha-se também apaixonado irremediavelmente por ela.

Terry levou o seu coração partido para Nova Iorque, onde conseguiu trabalho numa das maiores estações a apresentar o horário adequadamente melancólico da meia-noite às cinco. Todos os meses de dezembro, sustinha a respiração na esperança de que fosse aquele o ano em que o cartão de Cass não dissesse «Com amor de *todos* nós — Cass, Jack, Sean, Cleo e Sophie». E todos os anos ficava dececionado. Parecia que toda a gente se divorciava, exceto Cass e Jack que nunca mais se largavam.

Entretanto, o sucesso de Cass era cada vez maior. Abarbatada por uma das estações comerciais mais ouvidas da capital, foi-lhe atribuído o seu próprio programa do meio da manhã. Ao longo dos anos, ela tinha-se tornado uma instituição, parte da família dos seus ouvintes fiéis. A progredir de uma forma bastante mais regular na carreira de jornalista político, e sem ter tido ainda a sua oportunidade na televisão, Jack habituou-se a ser apresentado como «Sabe, o marido da Cass Mandeville».

— E ele nunca ficou ressentido com o seu sucesso?

Imogen abanou a cabeça de admiração. Cass tinha realmente tudo. Tinha trinta e nove anos de idade, contudo, sentada à sua frente de t-shirt e *Levi's* e com a brilhante luz do Sol que entrava pelas janelas a transformar-lhe os longos cabelos num louro quase branco, parecia mais ter vinte e cinco.

— Está a brincar? — Cass riu-se. — Ele estava exultante. Quando se foi tão pobre como nós fomos, não interessa quem está a ganhar o dinheiro! Não, isso nunca foi problema para o Jack.

Atrás de Cass, apoiado sobre o guarda-louça de pinho, estava um instantâneo, não emoldurado e a encarquilhar nos cantos, de um almoço ao ar livre. Como Sophie não aparecia, teria sido presumivelmente ela a tirar a fotografia. Mas ali estavam, sentados em volta da mesa forjada a ferro, no terraço banhado pelo sol, os glamorosos Mandeville. O braço de Jack estava pousado nas costas da cadeira de Cass. À esquerda dos dois, estava Sean recostado, com os seus *Ray-Ban*, a soprar um beijo para a máquina fotográfica. À direita estava Cleo, na altura a estrela britânica em mais rápida ascensão como manequim, o seu corpo maravilhosamente sinuoso quase

dobrado ao meio enquanto ela ria a bandeiras despregadas com alguma coisa que o pai tinha acabado de dizer.

— Você tem tanta sorte! — Imogen fez um gesto a englobar a soalheira e desarrumada cozinha amarela e branca e a encosta ajardinada lá fora. — Eu sei que isto soa a piegas, mas tenho de dizer: já entrevistei umas quantas celebridades, mas você é, de longe, a mais simpática. Não estaria, por acaso, interessada em adotar uma ruiva de vinte e oito anos, pois não? — Sorriu. — Com alguma prática em lides domésticas...

Por sua vez, Cass tinha simpatizado instintivamente com a rapariga que tinha ido entrevistá-la. Naquele momento, emocionada com a franqueza desta, estendeu impulsivamente a mão sobre a mesa de pinho.

— Eu sei o que tem de fazer. Vamos dar uma pequena festa aqui esta noite para festejar o aniversário do Jack. Nada demasiado elaborado, apenas bebidas e alguns amigos, mas vai ser divertido. Não quer vir?

— A sério? Adorava! — Imogen estava encantada.

— E traga companhia. — Cass hesitou, olhando para a mão esquerda de Imogen. — Namorado, marido... o que for.

— Não, eu não sou casada. — Tendo intercetado o olhar, Imogen fez uma careta. — Ainda não fui suficientemente sortuda para encontrar o homem certo. — Depois, com um toque de malícia, acrescentou: — Pelo menos, não um que corresponda às minhas expectativas. Preciso de alguém como o seu Jack.

— Oh, por amor de Deus! — lamentou-se Jack naquela tarde quando Cass lhe disse o que tinha feito. — Porquê?!

— Gosto dela. — Cass estava deitada no banho a ver a imagem dele refletida no espelho enquanto ele se barbeava. — Convidaste aquele tipo que conhecestes no Groucho a semana passada, não convidaste? «É um bom sujeito», disseste tu. Por isso convidaste-o. Bem, foi exatamente isso que eu fiz. Se conhecemos pessoas e gostamos delas, mantemos o contacto — explicou ela mordazmente. — Chama-se fazer amigos.

Ele lançou-lhe um olhar desconfiado por cima do ombro. — Ensaiaste isso.

— Eu precisava — protestou Cass. — Sabes como és quando comesças a discutir; fazes o Jeremy Paxman parecer um banana. Além disso...

— Além disso o quê?

— Bem, eu convidei-a para ela poder ver o quão simpático consegues ser. — Cass mordeu o lábio, escondendo o sorriso. — Foste tão horrível hoje de manhã. Queria que ela soubesse que também tens um lado bom.

Capítulo 4

Estava uma noite tranquila e quente. À medida que o céu escurecia do violeta para o índigo, as estrelas multiplicavam-se. Parando por um momento ao fundo do caminho de entrada, enquanto o táxi fazia marcha-atrás e arrancava, Imogen admirou o cenário à sua frente, de uma grande casa vitoriana confortavelmente enquadrada na paisagem, com traços góticos e todas as janelas iluminadas como um calendário do Advento. Ela conseguia também ouvir música e riso vindos das traseiras da casa onde a festa se tinha, evidentemente, alastrado para o jardim.

Cass Mandeville tinha dito oito, oito e meia, e eram quase dez, mas, na opinião de Imogen, essa era sempre a melhor forma de uma rapariga chegar sozinha a uma festa. Quando chegasse, já todas as pessoas estariam descontraídas, e no terceiro ou quarto copo, para não se importarem de se apresentar a uma autêntica estranha.

Imogen conferiu rapidamente a sua aparência antes de começar a dirigir-se à casa. O cabelo, que tinha apanhado num puxo, parecia-lhe bem. As alças do sutiã estavam escondidas. O vestido preto de verão acima do joelho não estava preso atrás nas cuecas. E como as pernas estavam despidas, ela não precisava de se preocupar com malhas caídas nas meias. Tanto quanto lhe parecia, estava tudo bem.

Mas, para ter a certeza absoluta, e porque era o que sempre fazia antes de entrar onde quer que fosse, Imogen tirou da mala um frasco do que considerava ser um impulsor de confiança. Mal tinha acabado de tirar a tampa quando ouviu pneus a chiar atrás dela. Um carro escuro, conduzido a uma velocidade absurda, apareceu repentinamente no caminho de entrada da casa e, com uma enorme buzina, travou bruscamente a menos de um metro da parte de trás dos joelhos dela.

— O que... — Abalada, Imogen virou-se para trás. Tinha tudo acontecido muito subitamente. Ela podia ter morrido.

— Desculpe, — disse uma aflita voz masculina através da janela do condutor que estava a deslizar silenciosamente para baixo, — mas os seus reflexos sempre foram assim tão lentos? Não me ouviu aproximar?!

Imogen olhou fixamente para o rapaz que estava a zombar de si. Enquanto falava, ele simulava linguagem gestual, como se ela fosse realmente surda. Ele também estava a sorrir; algo que indubitavelmente não estaria a fazer se ela fosse uma estranha completa encontrada na rua. Mas ela não era. Ela era, claramente, uma convidada e não se devia perder a compostura com uma convidada.

Do mesmo modo, se ele tivesse sido um completo estranho, Imogen ter-lhe-ia chamado todos os nomes que lhe tivessem passado pela cabeça. Mas ele não era, por isso ela segurou a língua. Ele era Sean Mandeville, que naquela altura já aparecia quase tantas vezes nos jornais como os seus famosos pais, e arrancar a antena do seu estúpido carro para lhe ensinar uma lição não seria um comportamento aceitável.

Em vez disso, com os dedos pousados no capô azul-escuro empoeirado do *BMW*, Imogen respirou fundo para se acalmar e disse com falsidade: — Lamento imenso, a culpa foi minha.

Sean não era estúpido. Sorriu maliciosamente. — E eu estava com pressa. Estamos ambos bastante atrasados. Acho que ainda não fomos apresentados.

— Se tivéssemos sido, — respondeu calmamente Imogen, — você ia lembrar-se.

— Do cheiro lembrar-me-ia de certeza. — Olhou-a de modo intenso. — Não leve isto a mal, mas é mesmo você?

Era o seu impulsor de confiança, o frasco quase cheio e extremamente caro do *Trésor* de Lancôme. O susto de quase ter sido atropelada tinha-o feito saltar da mão dela e o frasco tinha batido numa das pedras que ladeavam o caminho de gravilha. O perfume forte, que se elevava no ar parado da noite, rodeava o carro como cianeto.

— Rápido, entre. — No momento em que a porta do lado do passageiro se abriu, a janela do condutor fechou-se. — Se nos apressarmos, não conseguirá seguir-nos. Mas quem é você? Como se chama?

Imogen não tinha de todo a certeza se gostava dele, mas, pelo menos, ia entrar com alguém. Sean Mandeville, com os olhos escuros cintilantes e excepcionalmente boa aparência, estava na altura a fazer enorme sucesso no mundo da comédia e se o seu nome e talento natural eram fatores decisivos, também o era a aparência, pela simples razão de os comediantes de *stand-up* realmente atraentes — homens capazes de fazer, simultaneamente, uma rapariga babar-se e rir-se — serem muito raros. E se Sean não era mais engraçado do que pelo menos uma dúzia de contemporâneos seus no Comedy Inc., o clube noturno de Soho que lhe tinha dado o primeiro horário regular, ele era infinitamente mais rentável porque todas as raparigas e a

maioria dos homossexuais estavam completamente loucos por ele. Os seus espetáculos estavam sempre a abarrotar.

— Encontrámo-nos lá fora — disse Sean à mãe quando Cass cumprimentou Imogen com um beijo de satisfação na cara.

— Ainda bem que veio! Sean, querido, vai buscar uma bebida para a Imogen. Agora, onde foi que se enfiou o Jack? Ah... Jack, vem dizer olá e tenta fazê-lo de modo simpático desta vez. Imogen, este é o meu velho marido, Jack. Jack, Imogen Trent.

— Olá.

O velho Jack não dá beijo simpático na cara, pensou Imogen. Enfiou a mão na mala e retirou um envelope verde-escuro e um embrulho achatado com uma fita verde-escura e dourada.

— Feliz aniversário — disse ela, entregando-os a Jack e indagando-se se talvez naquele momento ele tivesse a graça de ficar envergonhado.

Contudo, os olhos escuros de Jack não revelaram qualquer sinal de arrependimento.

— O que é isto? — Olhou de relance para ela. — Alguma espécie de suborno? Se está à espera que eu mude de ideias e apareça amanhã para a sessão fotográfica, está com azar. A resposta continua a ser não.

— Querido! — Cass encolheu-se visivelmente. Jack deveria estar a compensar a falta de educação daquela manhã e não a reforçá-la.

— Não tem importância. — Imogen encolheu os ombros. Depois acrescentou em voz baixa: — E não é nenhum suborno. Não foi a *Hi!* que o pagou. Fui eu que comprei o presente.

Imogen viu-o desembulhar a simples moldura de prata.

— Achei que a foto encantadora que está no guarda-louça da cozinha merecia uma moldura.

— Oh, Imogen, não era preciso! — exclamou Cass. — É linda! Jack, não é linda? Perfeita para aquela fotografia.

— Perfeita — disse Jack.

Imogen deu um salto quando Sean surgiu de repente ao seu lado.

— O meu pai — sussurrou ele — não tem vergonha nenhuma.

— O teu pai está a passar dos limites. — Cass estava a começar a desesperar. Imogen sorriu para a fazer perceber que a culpa não era dela.

— Não te enerves. — Jack também sorriu, mas pouco. — Tu achas que eu corro o risco de magoar os sentimentos da nossa convidada. Ela é jornalista, Cass. Uma espécie de jornalista. Os jornalistas não têm sentimentos.

— Alguns não têm, certamente, educação — respondeu Cass com aze-dume. Ela não entendia porque Jack não esquecia o assunto. Ele corria o perigo de estragar a própria festa.

— Venha. — Sean tocou no braço de Imogen. — Deixe-me levá-la para longe disto tudo. Se estiver com fome, há comida na sala de jantar.

Cass tinha contratado uma empresa de catering bastante conhecida para tratar da comida, mas era Sophie quem estava atarefada a servir empadão de carne e chili.

— Aqui são todos velhos — queixou-se ela, servindo atabalhoadamente a Sean mais uma dose de chili. — Estou entediada. E ouvi o meu pai a falar-lhe mal ainda agora. — Os grandes olhos cinzentos por detrás dos óculos de armação metálica voltaram a atenção para Imogen. — Francamente, ele às vezes é muito rabugento. Devia ter ouvido o que ele disse à minha mãe esta tarde sobre os malditos estranhos abelhudos que iam invadir a festa de aniversário. Para ser sincera, tenho de dizer que habitualmente ele não é assim tão pré-menstrual.

Imogen decidiu que ela era uma miúda bastante engraçada. O glamour total dos Mandeville tornava, por comparação, a normalidade de Sophie ainda mais surpreendente. Com a cara miudinha e pálida, cabelo castanho curto e olhos claros aumentados por aqueles óculos nada lisonjeiros, à primeira vista ela não se parecia com nenhum deles. O facto de provavelmente ter cortado o próprio cabelo e de estar tão descontraidamente vestida com uma sweatshirt bege e uns calções caqui, significava que ela não se ralava nem um pouco. Contudo, a sua tez era irrepreensível, o corpo debaixo da roupa larga perfeitamente proporcionado. Seria interessante ver como seria ela daí por três a quatro anos, pensou Imogen. Havia, definitivamente, algo que prometia. Sophie tinha aquele tipo de aparência que podia, de repente, mudar drasticamente...

— Eu não me importo com o teu pai — disse-lhe Imogen. — Estás cá amanhã à tarde quando o fotógrafo da *Hi!* vier?

Sophie continuava a servir empadão de carne. Encolheu-se. — Não tenha medo. A Cleo é que vai estar cá para fazer pose para a máquina. Eu não.

— A nossa pequenina Sofe? — A sorrir, Sean beliscou-lhe a bochecha branca. — Tirar-lhe uma fotografia é um bocadinho frívolo de mais, um bocadinho espetáculo de mais para o gosto da Sophie. Isto é, a não ser que ela esteja a ser presa numa manifestação ecológica.

Uma hora depois, Imogen pediu licença, afastou-se do grupo com que tinha estado a conversar no terraço e dirigiu-se ao primeiro andar. Uma das desvantagens de se ser ruiva era ter de usar bronzeadores para evitar que a pele ficasse branco-fluorescente no escuro como aqueles esqueletos de plástico que vinham nos pacotes de cereais. Em noites quentes como aquela, o bronzeado instantâneo tinha o hábito terrível de formar riscas. Era sempre aconselhável ir dando uma olhadela. Sempre preparada para dar

um retoque rápido antes que outras pessoas vissem a desgraça e recuassem horrorizadas, Imogen levava sempre um tubo a mais consigo.

Um olhar de relance à sua imagem refletida no espelho de corpo inteiro que dominava a luxuosa casa de banho em azul e dourado disse-lhe que ela fazia bem em trazê-lo. Virando-se para um lado e para o outro, Imogen utilizou um pedaço de papel higiénico branco para limpar os pedaços derretidos na parte de trás dos joelhos, na dobra dos cotovelos e — o mais evidente — no decote. Imogen praguejou baixinho quando alguém do lado de fora da casa de banho rodou a maçaneta da porta. A pressa piorava sempre as coisas, e não havia hipótese de ela sair dali sem todas as manchas brancas estarem tapadas.

A maçaneta da porta agitou-se novamente, no preciso momento em que ela estava a desenroscar a tampa. Imogen choramingou, horrorizada, quando um pedaço brilhante de creme bronzeador de cor castanha-da-índia jorrou para fora do tubo, aterrando com um chape quase audível no glorioso tapete lápis-lazúli.

Primeiro o perfume, agora o creme bronzeador, pensou ela desesperada. Se Jack Mandeville descobrisse o que tinha acontecido, não havia dúvida que a coisa seguinte a jorrar seria o sangue dela.

Os dois minutos seguintes foram passados de joelhos, a esfregar freneticamente a mancha do tapete com mãos-cheias de papel higiénico e a toalha de flanela de alguém. O coração de Imogen quase parou quando uma pancada violenta na porta da casa de banho foi seguida da voz instantaneamente reconhecível de Jack Mandeville.

— Vá, o tempo acabou-se. Se estiver alguém desmaiado aí dentro, vou ter de arrombar a porta.

— Vou já — chiou Imogen, deitando o papel higiénico incriminatório rasgado na sanita e puxando o autoclismo. Com mãos trémulas, espalhou creme suficiente no decote e atrás dos joelhos para camuflar as partes brancas. Agora tinha a cara toda rosada, brilhando com transpiração e culpa. Por detrás de qualquer mulher de carreira descontraidamente elegante, pensou Imogen lugubrememente, existia uma fraude, um desastre irremediável lutando para sair. Pelo menos, ela esperava que sim. Não suportaria a ideia de ser peça única.

— Você. — Jack Mandeville dirigiu-lhe um daqueles olhares desesperados de «eu-bem-disse» quando ela destrancou e abriu finalmente a porta da casa de banho, como se ele já desconfiasse que era ela.

Oh, mas por Deus, como ele era atraente! Imogen agarrou-se à maçaneta da porta e fitou-o nos olhos.

— Olhe, não sei o que fiz para merecer isto. — Ela falava em voz baixa, embora não houvesse mais ninguém à vista. — Você não gosta de mim,

essa parte é gritantemente óbvia... mas, desculpe, continuo sem perceber porquê.

— Talvez eu não goste do que você faz — retaliou Jack. — Quero dizer, essa sua revista, essa forma de pretensão jornalismo, — o tom dele era mordaz, — não é propriamente candidato a ganhar um Pulitzer, pois não? Não a incomoda, produzir tanta futilidade?

— Sim. — Imogen sacudiu a franja para trás e olhou-o fixamente. — Claro que eu preferia estar a fazer alguma coisa mais estimulante intelectualmente, mas foi este emprego que me ofereceram e eu precisava de pagar a renda. De qualquer forma, não é assim tão terrível — acrescentou ela com uma ponta de raiva. — Não estamos propriamente a falar de pornografia pesada. A nossa revista é inofensiva.

— Para não dizer inútil.

A situação era bizarra. Imogen respirou fundo.

— Olhe, a sua mulher vai doar o dinheiro que receber à caridade. Pediu-nos para o enviar para a Great Ormond Street. Continua a ser inútil se esse dinheiro ajudar a salvar a vida de uma criança?

Como não havia realmente resposta para aquilo, Jack olhou furiosamente para ela e usou a tática dos políticos de mudar de assunto.

— Eu também não quero saber a forma como você conseguiu convite para esta festa. A minha mulher pode gostar da bajulação profissional, Senhorita Trent, mas comigo isso não resulta. — Parou por um instante com a boca contraída. — E se você sequer pensar em vender mexeriquices acerca desta noite a qualquer publicação, eu processo-a.

Não havia dúvida de que ele estava a falar a sério. Por um momento, face a tanto veneno, Imogen sentiu a garganta contrair-se. Ela não era assim tão horrível, habitualmente as outras pessoas gostavam tanto dela como ela gostava delas... e ela tinha, sem dúvida, gostado da ideia de conhecer Jack Mandeville. Ele era bastante atraente, tinha inteligência e carisma, ele tinha até vestida a mais deliciosa camisa listada em tons de amora e verde-escuro que ela já tinha visto. Quem não se sentiria atraída por um homem com tal catálogo de qualidades? E porque é que, quando ela tinha também qualidades inegáveis, ele não se sentia reciprocamente atraído?

Então, de repente, fez-se luz. Imogen quase ficou zozza com a constatação. Claro... toda aquela saraivada de insultos contra si precisamente por a achar atraente!

Estou certa, constatou Imogen com uma sensação de triunfo. *É isso!*

Ela conseguia ver isso agora, nos olhos escuros e na forma como ele estava encostado à porta da casa de banho, aparentemente descontraído, mas, na realidade, nada descontraído.

A sensação de poder que isso lhe dava era excitante.

Ora, ora, pensou ela com um sorriso, *mas que grande surpresa*. Até Jack Mandeville, o mais famoso fiel dos maridos, tinha os seus momentos de fraqueza.

Imogen estava toda arrepiada, deleitada com a descoberta.

Ele sentia-se realmente tão atraído por ela como ela por ele.

E não estava minimamente satisfeito com isso.

Capítulo 5

O Comedy Inc., situado a meio da Jelahay Street em Soho, não tinha grande aspeto exterior. Entalado entre uma espelunca de *strip* e um bar de hambúrgueres, com tinta azul a cair da porta velha e a placa de latão com o nome «Comedy Inc.» destituída de brilho, ostentava um estuque cinzento de mau aspeto com menos de quatro metros de largura e pintalgado com grafítis.

No interior, era uma Tardis. Era também a segunda casa de Sean Mandeville, um lugar onde ele se sentia amado e seguro e para onde se dirigia sempre que havia oportunidade. Segundo ele, quem precisava de uma *villa* em Barbados quando se tinha o Comedy Inc. ali mesmo à porta? Para Sean, o clube era perfeito, desde o teto manchado de tabaco até à tapete pegajosa e pirosa. As trinta e quatro mesas redondas onde os clientes se sentavam para beber, rir e apupar, estavam tão juntas umas das outras que era preciso meia hora para se conseguir atravessar a sala. O palco não estava muito bem iluminado, o sistema de som podia ser temperamental e as empregadas de bar — que já tinham ouvido todas as piadas pelo menos cinquenta vezes — nunca sorriam para ninguém, mas Sean adorava-as a todas na mesma. Se o clube pudesse ter ar condicionado, como ele costumava dizer a Barney, o gerente, pelo menos uma vez por semana, seria perfeito.

Mas Barney era um notório sovina, daí a tapete de vinte anos com espirais vermelhas e verdes tão pegajosa com cerveja entornada que se colava aos pés. O palco também não era muito melhor; as tábuas estavam provavelmente saturadas com o suor de centenas de comediantes nervosos. Pelo menos, Sean esperava que fosse apenas suor...

Parte da sua mente começava a divagar numa nova ideia, ponderando as possibilidades de a encaixar no número, mesmo enquanto continuava a conversar com a assistente, dirigindo-se a uma freira imaginária na mesa treze acerca dos perigos de beber rum com groselha negra numa caneca de vinte e cinco centilitros.

Era assim que Sean trabalhava; os seus monólogos interiores envolviam gente e questões do dia-a-dia. Piadas com remates não eram o seu

estilo. Ele preferia sensibilizar as pessoas, fazendo-as contorcer-se de tanto rir porque o que tinha dito fazia todo o sentido e as deixava a indagar-se por que motivo não lhes teria ocorrido a mesma ideia.

O seu número nunca era igual duas noites seguidas.

Improvisador compulsivo, estava constantemente a desviar-se radicalmente para novas, e até então inexploradas, direções quando lhe ocorriam novas ideias. A maior parte das vezes funcionava, outras vezes não. Sean nunca se deixava afetar por isso. Desde que estivesse em palco, a atuar, estava feliz. E como o riso era afrodisíaco, ele tinha propostas de sobra. Havia sempre muitas raparigas prontas e ansiosas por lhe mostrar como passar um bom bocado... como aquela loura fabulosa na mesa sete, que já lá estava pela terceira noite consecutiva. Nem ela, nem as saias incrivelmente curtas, tinham escapado à atenção de Sean. Talvez naquela noite, a seguir ao espetáculo, tomasse uma atitude, decidiu Sean. Talvez se apresentasse.

— ... vá lá, não estou a inventar isto — protestou ele quando a assistência explodiu de riso. Estava a falar acerca da última moda na Califórnia: cirurgia plástica em cães para os tornar parecidos com as estrelas de cinema favoritas dos donos. — A Streisand funciona especialmente bem nos galgos afegãos... — Virou um pouco a cara e tapou a boca como se estivesse a sufocar tosse. Esta era uma ideia nova de Donny, que ele estava a experimentar. Quando a cápsula de sangue estava já bem alojada entre os dentes molares, ele virou de novo a sua atenção para o público com uma expressão de inocência ferida. — Então pensei em fazer o mesmo à minha cadela (ela é uma cadela, anda sempre com o cio), mas o cirurgião já foi processado pela Madonna. Não, por favor, eu sei que vocês pensam que eu estou a brincar, mas confiem em mim. Que o dentista dos infernos me arranque os dentes todos se eu estiver a mentir-vos...

No preciso momento em que dizia isto, mordeu a cápsula. A ideia era que, enquanto falasse, aparentemente alheio ao que estava a passar-se, começasse a jorrar-lhe sangue da boca.

Mas a cápsula tinha outras ideias. O sangue falso de sabor esquisito esguichou e atingiu-lhe a parte de trás da garganta. Sem aviso prévio, Sean começou a engasgar-se. Quando tentava voltar a encaixar o microfone no suporte, tossiu. O sangue falso saiu-lhe pela boca. A mesa três, que era a mais próxima do palco, estava ocupada por um grupo de raparigas. Sean só conseguiu assistir, horrorizado, a um enorme esguicho de sangue — aparentemente em câmara lenta — aterrar em cima de uma delas.

O facto de ela estar a usar um vestido curto branco era a lei de Murphy, claro.

Raios, pensou Sean quando o resto da assistência, assumindo que fazia tudo parte do número, explodiu uma vez mais com riso. Se a vítima tivesse

sido um homem, ele poderia até ter alinhado e fingido que tinha sido propositado. Mas não era capaz de fazer isso com uma miúda.

E ela também não estava a rir-se.

— Ok, pessoal, já chega — disse ele rapidamente ao microfone antes de avançar e de saltar do palco. Uma das amigas da rapariga estava a tentar limpar a nódoa de sangue do vestido com uma mão-cheia de lenços de papel.

A rapariga cruzou o olhar com o de Sean.

— Desculpa. — Morto de vergonha com a expressão nos luminosos olhos escuros dela, pegou-lhe na mão, levou-a à boca e deu-lhe um beijo nos nós dos dedos. — Foi um acidente terrível e tu tens de me deixar compensar-te. Por favor, vai até ao meu camarim a seguir ao espetáculo.

— Não voltas a fazer isto tão cedo. — Espreitando à porta do camarim, vinte minutos depois, Donny estava nitidamente muito divertido. Humilhação pública era a sua especialidade. — Viste a expressão na cara da miúda quando aquilo aconteceu? Que má cara! Atenção, ela nem era feia... por acaso ela não te deu o número de telefone?

Para Donny Mulligan era fácil falar, pensou Sean irritado. Tinha herdado a boa aparência jamaicana da mãe e o charme irlandês do pai. Se o mesmo tivesse acontecido com Donny, ele não se sentiria cheio de culpa — provavelmente nem lhe passaria pela cabeça pedir desculpas. Com as tranças afro a tocarem-lhe nos ombros e sotaque carregado de Dublin, Donny conseguia safar-se praticamente com qualquer coisa que quisesse.

Sean vestiu uma camisa lavada — a rapariga do vestido branco não tinha sido a única a ficar salpicada — e passou um pente pelo cabelo escuro. Havia agora quinze minutos que tinha saído do palco, mas ainda não havia sinal dela. Perplexo e ligeiramente desanimado, enfiou a carteira no bolso traseiro das calças de ganga e seguiu Donny até ao corredor. A sua intenção era pagar-lhe uma bebida para lhe mostrar que estava mesmo arrependido. Talvez ela se tivesse sentido demasiado envergonhada para ficar, com um vestido arruinado. Talvez tivesse ido a correr informar a imprensa. Sean podia bem imaginar a história na edição do dia seguinte do *Evening Standard*.

Ele ficou aliviado quando a viu no bar com as amigas. Então, afinal, ela não se tinha ido embora. Em vez disso, apesar do calor da noite, tinha decidido tapar o estrago com uma gabardina comprida apertada na cintura.

— Olá, sou eu.

— Olá. — A rapariga inclinou a cabeça para um lado e dirigiu-lhe um breve sorriso de reconhecimento. Donny tinha estado certo; ela era uma brasa, embora de um modo discreto. De todo o estilo habitual de Sean.

— Não foste aos bastidores. — A reprimenda foi suave. Ele não podia dar-se ao luxo de a ofender mais do que já tinha ofendido.

— E o que é que eu teria parecido? Uma fã tresloucada?

Foi a vez de Sean se sentir ofendido. — Claro que não! Muito obrigado.

— Bem, eu podia ter-me sentido como uma delas. — A rapariga encolheu os ombros, indiferente. — De qualquer forma, não interessa. Encontre-me. O que fazes agora? Sorris bastante, pagas-me um gin tónico e dá-me uma nota de cinco para pagar a limpeza a seco?

Era precisamente o que Sean tinha planeado fazer. Decididamente afrontado pela exatidão do palpite dela, disse: — Encantadora. Por acaso, ia convidar-te para jantar fora. Ou isso far-te-ia parecer uma fã ainda mais tresloucada?

Ela manteve-se calada por um instante. Lindo. Provavelmente era uma daquelas feministas fanáticas e violentas numa missão secreta para expor canalhas chauvinistas que se atreviam a convidá-las para sair. Pelo canto do olho, Sean viu de relance a loura das minissaias dirigir-se à saída. *Obrigadinho, Donny*. Que ideia brilhante tinha sido a da cápsula. Ele não esqueceria aquela noite tão cedo.

— Ok. — A rapariga anuiu com a cabeça. De repente, fez um sorriso deslumbrante, revelando dentes perfeitos como pérolas.

— Ok? — Quando se ouviu a repetir imbecilmente a resposta dela, Sean teve vontade de bater com a cabeça na parede. Agora parecia um miúdo desajeitado. Ele tinha estado tão convicto de que ela iria dizer não.

— Estou com fome. — A rapariga desceu do banco, esvaziou o copo e colocou-o em cima do balcão. — Estavas a falar desta noite, não estavas?

— Está bem, está bem. — Sean, que nem sequer tencionara convidá-la para jantar fora, desistiu. A loura já tinha desaparecido; mais valia despaçar logo o assunto. — Não sei o teu nome.

— Pandora — respondeu seriamente a rapariga. — E se fizeres alguma piada com ele, és um homem morto.

Capítulo 6

Pandora nunca tinha ido ao The Blue Goose, embora fosse nitidamente um dos restaurantes regulares de Sean Mandeville. Pelo menos agora que ele estava a tornar-se famoso e a ganhar dinheiro suficiente para poder frequentá-lo, conjeturou ela quando o empregado de mesa os cumprimentou com entusiasmo e tentou ajudá-la a despir a gabardina.

— Deixe estar, ela não quer despi-la — disse-lhe Sean. Depois de se terem sentado e de lhes ter sido entregue o cardápio, ele tirou a carteira do bolso das calças de ganga, vasculhou-a debaixo da mesa e depois meteu uma nota de vinte libras na mão dela. — Antes que eu me esqueça — murmurou ele. — Para a limpeza a seco. Não sei propriamente... hum, achas que chega?

— Se chega? — Pandora sorriu quando viu a expressão de preocupação na cara dele. Longe do clube e da companhia daqueles amigos pândegos, ele era uma pessoa muito menos confiante do que gostava de dar a entender. — Chega para eu comprar dois vestidos novos. — Devolveu o dinheiro por cima da mesa. — Não te preocupes. O sangue falso sai de certeza.

Sean ficou tocado com a honestidade dela. — Podias sempre transformá-lo numa nova moda. — Fez um sorriso malicioso. — Psico, o visual «acabado-de-sair-do-duche». Ou a Vivienne Westwood usou essa ideia no ano passado?

O nome completo dela era Pandora Jacintha Grant, descobriu Sean durante o jantar. Ela tinha vinte e quatro anos e partilhava uma pequena casa geminada alugada em Kilburn com o irmão mais velho Joel. Suava as estopinhas como empregada de mesa num restaurante pequeno, também em Kilburn, chamado The Moon and Sixpence. O ordenado era uma miséria, mas era um lugar simpático com um excelente ambiente, e todas as noites, depois de o último cliente ter sido obrigado a sair, o pessoal sentava-se para uma refeição maravilhosa. O restorantezinho estava fechado às segundas-feiras e era por isso que ela e as outras raparigas que lá trabalhavam tinham ido antes passar a noite ao Comedy Inc.

Até aí, tudo muito normal. Não era propriamente a história de vida mais fascinante que ele já tinha ouvido, contudo ela tinha alguma coisa que intrigava Sean.

Ele nem sequer sabia porquê, já que Pandora Grant era praticamente o oposto de todas as raparigas que habitualmente lhe interessavam. Ele preferia louras e ainda por cima de cabelos compridos. Gostava de louras altas, magras, de cabelos compridos, com olhos azuis e bastante maquilhagem. As suas mulheres de eleição eram Cameron Diaz, Gwyneth Paltrow e a rapariga da minissaia que ele tencionara engatar naquela noite, até o destino, na forma de cápsula de sangue, ter lixado o seu inocente plano.

A sua mulher ideal não era certamente mulata, com olhos castanhos astutos, sem maquilhagem e com cabelo preto com menos de três centímetros de comprimento. E também não estava tapada dos pés à cabeça com uma gabardina bege como o Inspetor Clouseau.

Por isso, que diabos tinha ela que tanto o intrigava?, pensou Sean, com um toque de desespero.

Quando Pandora pediu licença, entre pratos, e desapareceu em direção à casa de banho, não levou consigo a mala a tiracolo. Sem sequer se aperceber de que ela a tinha deixado em cima da cadeira, Sean esticou as pernas e conseguiu engancha a alça de pele na ponta do sapato. Quando se endireitou na cadeira, a mala caiu no chão. A mola abriu-se e o conteúdo espalhou-se.

Sean encolheu-se quando uns tampões rolaram alegremente pelo chão de madeira, indo parar encostados ao sapato impecavelmente engraxado do sujeito com aspeto de gerente de banco da mesa ao lado. Um boião de bálsamo labial da *Body Shop* com sabor a kiwi tinha saltado na direção oposta. Chaves, uma agenda, um bloco de contactos e um pente afro — com cabelo assim tão curto? — foram mais fáceis de apanhar.

Foi quando estava a guardar tudo de novo na mala que Sean viu uma coisa que não tinha caído. A descoberta assustou-o e, ao mesmo tempo, encantou-o; a surpresa agiu como uma descarga de adrenalina. Agora ele percebia porque se sentira subconscientemente tão atraído por ela. Pandora Grant tinha mais que se lhe dissesse do que parecia à primeira vista.

Subitamente, Sean viu-se consumido de desejo, como se ela tivesse despejado algum afrodisíaco místico na sua bebida. Ele constatou que nunca tinha desejado tanto ninguém.

— Obrigada. — Aqueles enormes olhos inocentes viraram-se para ele. Por uma fração de segundo, os dedos dela pairaram sobre o braço dele e depois afastaram-se outra vez. — Foi muito simpático da tua parte. Foi uma noite muito agradável.

— Podes sempre convidar-me para tomar um café — sugeriu des-
contraidamente Sean. A linguagem corporal era promissora. A ideia do
que estava na mala dela era ainda mais excitante agora que estavam em
casa dela. Melhor de tudo, ela já lhe tinha dito que o irmão estava fora da
cidade.

Mas Pandora abanou a cabeça.

— Desculpa, não posso. Tenho de me levantar terrivelmente cedo
amanhã... mas obrigada pelo jantar e pela boleia até casa.

Sean mal podia acreditar no que estava a ouvir. Tinha passado as úl-
timas duas horas e meia a ser encantador e, de um modo geral, irresistível,
para o tipo de rapariga para quem habitualmente não olharia duas vezes, e
agora ela tinha o descaramento de lhe dar para trás! O que se passava com
ela? E, pensou ele freneticamente, o que se passava consigo?

Ele não era rejeitado por ninguém desde os doze anos.

O orgulho tinha-o impedido de lhe perguntar o número de telefone ou se
podia tornar a vê-la, mas durante a semana que se seguiu, Sean foi incapaz
de tirar Pandora Grant da cabeça.

Era inútil, para não dizer desconcertante. Estaria assim tão interessado
só porque ela tinha mostrado que era uma rapariga capaz de dizer não?
Independentemente do motivo, Sean deu por si — por amor de Deus! — a
sonhar com ela. Passou horas agarrado à lista telefónica e acabou por ligar
para as informações para descobrir que o número era privado. Todas as
noites em palco, ele perscrutava a assistência na esperança de que ela pu-
desse aparecer.

No domingo, Sean não aguentou mais. Pandora — ou antes, o não
aparecimento de Pandora — estava a enervá-lo seriamente. O público tinha
acabado de aplaudir com maior entusiasmo o número de Donny do que o
seu. No bar, a seguir ao espetáculo, Donny tinha protestado: — O que se
passa, pá? Estás a perder entusiasmo. Vá lá, olha, ali está aquela loura que
tinhas debaixo de olho na semana passada.

Ele nem sequer se deu ao trabalho de se fazer à loura quando ela se
aproximou, lhe sorriu de modo cúmplice e curvou tanto o corpo que o
cabedal cor-de-rosa da saia roçou na coxa dele.

Ela tresandava a *Obsession*. Também, assim de perto, ele conseguia ver
a forma como a base cor de mel se acumulava em torno do nariz. O rosto
dela estava a derreter com o calor.

— Don. — Enjoado com a visão, ele bateu no braço do amigo. —
Vou-me embora.

Quando estava a sair, ouviu a loura murmurar frustrada: — Ohhh...

...

The Moon and Sixpence ficava situado numa estreita rua secundária transversal à Kilburn High Road. Quando Sean lá chegou, os últimos clientes pareciam estar de saída. Sem lata para entrar simplesmente, agarrar em Pandora e tomá-la nos braços como Richard Gere em *Oficial e Cavaleiro* — ele sentia que ela muito provavelmente manteria a sua posição e diria não outra vez —, estacionou o *BMW* a dez metros da entrada do pequeno restaurante e ficou à espera. Se ela ia humilhá-lo, pelo menos não iria fazê-lo em frente de todas as suas amigas afetadas. Eram onze e um quarto. Decerto não iria ter de esperar muito tempo.

Mas, com a pressa de tornar a vê-la, Sean tinha-se esquecido da refeição que o pessoal partilhava no final de cada noite. As luzes do restaurante continuavam acesas. Através da janela aberta do carro, ele conseguia ouvir o burburinho de conversa animada entremeado com ataques de riso. Aborrecido e esfomeado, vasculhou o porta-luvas e encontrou meio pacote de pastilhas de fruta. Até essas foram uma desilusão: duas verdes e três amarelas.

Sean acabou de comer a última pastilha de fruta desinteressante e soltou um suspiro. Meia-noite. Aquilo era ridículo. Estaria completamente louco?

Como que em resposta às suas preces, a porta do restaurante abriu-se. Saíram duas raparigas, nenhuma era Pandora, mas pelo menos devia significar que ele não teria de esperar muito. Sean endireitou-se, desligou os *Radiohead* e constatou que estava com nervoso miudinho na barriga. Aquilo era, *decididamente*, ridículo!

A porta tornou a abrir-se. Desta vez ele viu, com um pulo de entusiasmo, que se tratava de Pandora. Por instantes só conseguiu ficar parado a olhar para ela, o objeto das suas irremediáveis fantasias no decurso da semana anterior — uma semana que parecia não ter fim. Naquele momento, perfilada contra a estreita entrada, ele viu a forma milagrosa da sua cabeça, o pescoço gracioso, o corpo esbelto mas curvilíneo. Ela tinha uns brincos de ouro, uma t-shirt preta e umas calças estilo tropa. A grande mala de couro preta a tiracolo estava pendurada num ombro e encostada a uma das ancas. Ela parecia ainda mais atraente do que Sean se lembrava. Ele respirou fundo antes de abrir a porta do lado do condutor. Só precisava de agir com descontração...

No momento em que os dedos alcançaram o puxador da porta, o silêncio da rua escurecida foi interrompido por um assobio estridente. A cabeça de Sean virou-se para o identificar. A umas centenas de metros à frente, nas sombras entre candeieiros de rua, viu alguém alto começar a correr.

Por instantes interrogou-se se Pandora estaria prestes a ser assaltada; depois viu-a levantar o braço num aceno. Sem sequer olhar na direção dos

carros estacionados, ela correu pela rua vazia, agitando agora os dois braços. Sentindo-se nauseado, Sean deslizou pelo assento para ela não o ver. Não que ela parecesse ter olhos para alguém que não fosse o sujeito alto, louro e de aspeto atlético que corria rua abaixo em direção a ela.

Era uma cena digna de Hollywood. Quando chegou finalmente ao pé de Pandora, o atleta pegou nela como se ela nada pesasse e fê-la girar três vezes. Abraçada ao pescoço dele, Pandora soltou um guincho de felicidade e encostou a cabeça ao peito dele quando ele a pousou suavemente no chão.

Dilacerado com ciúmes, Sean esperou que eles chegassem ao fim da rua e desaparecessem, de braço dado, depois de dobrarem a curva à esquerda que os conduziria, em menos de cinco minutos, à casa geminada de Pandora. Ele obrigou-se a esperar mais três minutos antes de ligar o motor e iniciar o mesmo trajeto. Tendo calculado o tempo na perfeição, passou de carro no preciso momento em que Pandora e o enorme namorado louro fechavam a porta azul pintada de fresco.

Capítulo 7

Enquanto manequim de sucesso, Cleo Mandeville tinha sempre vontade de dar um soco em quem sugerisse que ela só tinha chegado onde chegara por causa dos pais famosos que tinha. Ela também ficava surpreendida com a regularidade com que isso acontecia. Não com as pessoas do ramo — que decidiam trabalhar com ela porque sabiam quão boa era — mas com membros do público ignorantes que, invariavelmente, se achavam mais espertos.

Como o taxista surpreendentemente estúpido, insultuoso, intrometido e imbecil, cujo táxi ela tinha apanhado inocentemente no maldito Piccadilly Circus.

— Mas que grande coincidência, — gabou-se ele todo satisfeito e transpirado, — aqui estou eu, com o rádio sintonizado no programa da sua mãe. Sabe, não perco um. Ela é o ponto alto do meu dia, especialmente quando faz aqueles programas em que as pessoas telefonam.

— Hum. — Na parte de trás do táxi, Cleo espreitou para um espelho de mão e retocou o batom.

— Deve ser bom ter uma mãe assim — continuou o taxista. — Quero dizer, é tudo uma questão de contactos, não é? Veja a minha Louise, a minha mais velha... garanto-lhe que podia ter sido uma modelo. É mais bonita do que qualquer uma dessas supermodelos magricelas e pretensiosas, mas correu as agências todas e foi rejeitada por todas elas. — Parou para tomar fôlego e para buzinar a um *Renault* que tinha tido a audácia de arrancar à frente dele. — E sabe porque é que eles não quiseram saber? Porque *ela* não conhecia as pessoas certas! Garanto-lhe, se eu fosse famoso e tivesse o meu programa de rádio, eles teriam dito: «Oh, então você é a filha do Tom Harris, o famoso Tom Harris? Claro que pode ser modelo, querida, assine aqui...»

Cleo bocejou. Provavelmente a Louise dele era vesga, tinha dentes tortos e, ainda por cima, devia ser tão elegante como uma morsa. Além disso, se tivesse um odor semelhante ao do pai, não era propriamente surpresa que tivesse sido rejeitada. Cleo fez uma cara terrível nas costas húmidas e

montanhosas do taxista e voltou a enfiar o batom na mala. Ia almoçar com Linda, e Linda estava a precisar desesperadamente de ser animada. Mas atenção, refletiu Cleo, se ela própria estivesse a seis semanas de se casar com o chato do noivo de Linda, também necessitaria que a animassem.

Linda e Cleo pertenciam à mesma agência. Eram amigas há anos. Como para Linda almoço eram três rabanetes e uma nectarina como sobremesa, tinham combinado encontrar-se no café do primeiro andar da Empório Armani. Ela já lá estava, a bebericar água mineral fresca, quando Cleo, atrasada como de costume, subiu ofegantemente as escadas.

— Olha, comprei cinco camisas. — Linda abriu o saco castanho para as mostrar, mas estava com um ar de desespero. Cleo olhou. As camisas eram todas brancas. Linda não era sequer uma pessoa que costumasse usar camisas. Tinha estado outra vez a comprar compulsivamente.

— Eu sei, eu sei. — Linda estava com um tom defensivo. — É que o Colin disse que eu vou ter de me controlar e parar de agir como uma criança egoísta... e eu sei que ele tem razão, — acrescentou ela apressadamente, — em parte por causa da hipoteca enorme e de todas as despesas de remodelação da casa. Mas sempre que ele me dá um sermão sobre não desperdiçar o meu dinheiro, eu fico completamente desesperada... e agora o Colin diz que eu devia entregar-lhe tudo assim que receber. Dessa forma, ele pode ter a certeza que não vou fazer nenhum disparate com o dinheiro. Oh, Cleo, ele quer dar-me uma mesada! Diz que cem libras por semana para «miudezas» é mais do que suficiente para qualquer pessoa.

No que dizia respeito a Cleo, uma das coisas mais difíceis de suportar na vida era ter de ver amigas juntarem-se ou casarem-se com homens completamente inadequados. Era completamente óbvio que não iria funcionar, que tudo terminaria em lágrimas, que era o relacionamento mais desastroso desde Tom e Jerry... mas podia ela fazer alguma coisa para evitar? Uma ova!

— Mas o dinheiro é teu — protestou ela. — Ganhas dez vezes mais do que o Colin. Ele está a pressionar-te e não tem o direito de o fazer! Oh, Linda, — a voz dela suavizou, — tens a certeza que ele é a pessoa certa para ti? Queres mesmo casar com alguém que arrecada todo o teu dinheiro e te dá trocados?

Ela já sabia a resposta a essa pergunta. Puxando nervosamente a manga da sua t-shirt azul-marinho, Linda parecia cada vez mais agitada. Apesar do glamour exterior, ela estava convencida de que tinha a personalidade da *Looby Loo*. Esse crónico baixo amor-próprio mantinha-a colada a Colin. O autoritarismo dele no que dizia respeito ao dinheiro podia ser uma desvan-

tagem, mas ela confiava completamente nele. Acreditava nele quando ele lhe dizia que nunca a trairia. Amava-o porque ele a fazia sentir-se segura.

Ele fazia Cleo sentir-se enjoada.

Eu posso fazer alguma coisa acerca disto, decidiu Cleo subitamente. Não havia hipótese, ela não conseguia simplesmente ficar quieta e permitir que tal acontecesse. E também já tinha uma ideia de como resolver a questão. A viagem da semana anterior aos Estados Unidos, onde ela tinha participado num vídeo promocional para a nova coleção de Donna Karan, tinha-lhe dado a conhecer um novo e interessante conceito. Uma das outras manequins presentes tinha-lhe falado de uma empresa chamada Checkamate. A ideia era simultaneamente escandalosa e perfeita.

— Ok, não digas nada, ouve apenas — disse Cleo rapidamente, antes que pudesse mudar sensatamente de ideias. Depois contou a uma Linda boquiaberta como funcionava o esquema em Nova Iorque.

— Estás a brincar! — Linda parecia chocada. Estava tão absorta que tirou um torrão de açúcar mascavado da tigela em cima da mesa e o enfiou na boca antes de murmurar: — Continua.

— Bem, digamos que uma mulher queira saber se pode realmente confiar no seu companheiro. Ela entra em contacto com essa tal agência Checkamate e diz-lhes onde o podem encontrar. Uma das raparigas da agência aparece como combinado — digamos, num bar onde ele vai frequentemente beber depois do trabalho — e enceta conversa com ele. Ela tem um gravador de voz ligado, para depois mostrar à companheira. Seja como for, eles têm uma conversa agradável e tomam um copo, e se o tipo deixar a coisa por aí, tudo bem. Passou no teste. Está safo. — Os olhos de Cleo cintilaram. Ela achava a ideia brilhante. — Se, por outro lado, ele se fizer a ela e acabar por convidá-la para jantar fora, mostra o canalha traidor que é. E ele nem sequer pode tentar safar-se da situação mais tarde, quando a companheira o confronta com a prova, porque está tudo gravado.

Linda estava com um ar preocupado. — Parece-me um pouco maldoso.

— Maldoso? Maldoso?! — vociferou Cleo. — Devias ouvir com o que algumas destas imitações baratas de homem se saem! A Daisy, a miúda que me falou disto, trabalhou em part-time para a agência. A sua primeira missão foi com um tipo que só estava casado há seis meses. Ele impingiu-lhe a longa e trágica história de que era viúvo e acabou por convidá-la a passar o fim de semana com ele a esquiar em Aspen.

Linda estremeceu. — A mim continua a soar-me a armadilha.

Cleo, que estava numa cruzada, respondeu alegremente: — Só os homens que são apanhados é que lhe chamam armadilha. Olha, é rápido e barato (muito mais barato do que contratar um detetive particular) e trans-

mite às mulheres tudo o que elas precisam de saber. Tens de admitir que é engenhoso.

— E tu achas que eu devia confirmar a lealdade do Colin. — De repente, os enormes olhos violeta de Linda encheram-se de lágrimas. Ela pegou noutra torrão de açúcar. O lábio inferior começou a tremelicar como o de uma criança numa bicicleta.

— Por favor, não chores — pediu Cleo, apertando-lhe a mão magra. — Mas não será melhor descobrir agora do que mais tarde? E, de qualquer forma, quem sabe? Ele até pode passar com distinção! Assim ficas a saber que podes mesmo confiar nele...

— Odeio-te, Cleo Mandeville. — Linda secou as lágrimas e conseguiu fazer um leve sorriso. — Quando é que começaste a ser assim tão cínica? De acordo com a revista *Hi!*, a tua mãe e o teu pai são o casal mais feliz de Londres.

— É isso que é tão deprimente — disse Cleo. — O casamento deles é o único feliz que eu conheço. De resto são divórcios uns atrás dos outros.

— Ontem estive a falar com a Cherry Chandler. Ainda não me tinha apercebido de que ela tinha casado quatro vezes. — Linda hesitou. — Olha, vou pensar nisso. Dá-me alguns dias. Tratas de tudo se eu decidir experimentar?

— Deixa comigo. — Escondendo o seu triunfo, Cleo sorriu-lhe de modo tranquilizador.

— Obrigada. — Linda mordeu o lábio. — Estou a sentir-me um bocadinho apavorada. Achas que mais uma hora de compras poderá ajudar?

— A melhor terapia que existe. Harvey Nicks? — sugeriu Cleo.

— Oh, sim, *por favor!*

Capítulo 8

The Cameron era um clube desportivo privado em Hampstead, propriedade de Rory Cameron, e ostentava seis courts de squash, quatro courts de ténis ao ar livre, uma piscina coberta, ginásio, estúdio de aeróbica e um solário. O bar, situado no primeiro andar, estava separado do estúdio de aeróbica por uma parede de vidro, permitindo aos clientes do bar ver as exercitantes. Por conseguinte, as exercitantes estavam sempre muito apertadas com equipamento de marca e verniz de unhas a condizer. Transpiração excessiva não era vista com bons olhos. Maquilhagem completa era obrigatória.

Jack Mandeville achava ridícula a atitude de «vestir-para-impresionar», que a maioria das sócias do clube tinha, mas ele e Rory Cameron eram amigos há anos e o clube não só ficava convenientemente perto de casa, como estava extremamente bem equipado. Era também um local onde podia relaxar e não ser alvo de bisbilhotice por parte de perseguidores de celebridades demasiado entusiasmados. Os sócios do The Cameron não eram do tipo bisbilhoteiro, a não ser que ficar no bar a ver as aulas de aeróbica contasse.

Jack preferia levar a bebida para o terraço ensolarado com vista para os courts de ténis com relvado imaculadamente tratado. Ali podia sentar-se a conversar com Benny, seu companheiro habitual nas partidas de squash, lutar descontraidamente com as palavras-cruzadas do *Telegraph* ou simplesmente relaxar e apreciar a vista.

Naquele dia tinha optado pelas palavras-cruzadas, já que Benny tinha ido relutantemente a uma reunião de direção na zona comercial e financeira de Londres. Satisfeito por não ter de ir a lado nenhum num dia tão sufocante, Jack ziguezagueou até à sua mesa favorita com vista para o court um, colocou os óculos de sol e dobrou o jornal na página apropriada.

— Cavalo de fraca estatura — disse uma voz mesmo atrás dele alguns minutos depois. — Quinze horizontal. É pileca.

Era certamente adequado. Jack viu os seus dedos apertarem com força a esferográfica parada sobre a página. Quando ergueu os olhos, viu Imogen

Trent a sorrir abertamente para si como se a última discussão furiosa entre os dois nunca tivesse acontecido.

Ela parecia acabada de sair de uma aula de aeróbica bastante cansativa. O cabelo ruivo comprido estava afastado do rosto com uma fita verde, embora alguns fiapos húmidos estivessem colados à testa. De faces coradas e ainda ligeiramente ofegante, parecia mais nova do que na festa com a maquilhagem de noite intacta. Vestia um top de capuz cinzento-claro aberto por cima de um body amarelo e branco às pintas e uns calções azuis. O facto de não estar enfeitada com a obrigatória roupa desportiva supercondizente contava a seu favor. Contudo, Jack continuava a preferir que ela não tivesse aparecido.

— Vi-o ainda há pouco no bar. — Imogen afastou um fio de cabelo dos olhos com um sopro e apoiou os cotovelos sobre as costas da cadeira vazia em frente da dele. — Enquanto estava a esfalfar-me na câmara de tortura do outro lado. Achei melhor vir avisá-lo de que estava cá. Para o poupar de apanhar um choque desagradável. — Sem parecer de todo arrependida, observou a expressão na cara dele e disse: — Oh, céus, arruinei o seu dia?

Jack contraiu os lábios. — Isto é uma coincidência, presumo.

— Acha que eu entrei no gabinete do Rory Cameron de madrugada, espreitei a lista de sócios, vi o seu nome e então decidi pagar uma fortuna para me inscrever neste clube privado? — Na verdade, tinha sido muito mais simples; ela tinha escutado Benny na festa a falar sobre a última partida de squash com Jack. Mas não havia necessidade de mencionar isso naquele momento. As sobranceiras de Imogen levantaram-se numa expressão a fingir horror. — Por favor, Sr. Mandeville. Se eu quisesse mesmo irritá-lo, podia fazê-lo por muito menos dinheiro. Passa-se alguma coisa? — A atenção dela foi desviada pela direção do olhar dele. — Está a olhar para onde? Oh, céus, é uma vespa?!

Jack estava a olhar para as pernas dela, levemente morenas e delgadas por baixo dos calções azuis-escuros. Ele sabia que não o devia fazer, mas a compulsão era irresistível. Debruçou-se sobre a mesa, lambendo simultaneamente o polegar, estendeu o braço e passou o dedo pela canela dela. Tão estupefacta que nem sequer se afastou, Imogen viu o bronzeado falso desaparecer. No seu lugar ficou um trilho branco.

— Engraçado, — comentou Jack, — como sai da pele, mas não do tapete.

Imogen ficou vermelha como um tomate. Raios. Puxou abruptamente a cadeira da mesa e sentou-se.

— Olhe, lamento imenso esse incidente. Nem imagina como me senti péssima. Queria dizer-lhe alguma coisa, mas você já estava tão terrivelmen-

te zangado comigo... — Imogen contorceu-se; parecia cada vez mais desconfortável. — Bem, estava demasiado assustada.

Graças à Sra. Bedford, as nódoas tinham saído na manhã seguinte, depois de muita esfrega com *Vanish*. Jack decidiu deixar Imogen sentir-se culpada durante mais uns minutos. Tirou os óculos escuros da cara e levantou-se.

— Você está com cara de quem precisa de uma bebida. O que vai ser?

— Você sabe o que parece? — O rubor tinha desaparecido. Olhando fixamente para ele, Imogen abanou a cabeça de frustração. — Um daqueles interrogadores da Polícia que, de um momento para o outro, passam de horríveis a simpáticos. Está a fazer isto propositadamente para me confundir?

Jack sorriu. — Talvez eu esteja simplesmente interessado em descobrir se você terá mais alguma coisa para confessar.

Em cima do palco, Sean estava a apresentar o número do preservativo. — Vejam, por exemplo, o meu velho amigo Rupert — disse ele, abanando a cabeça em sinal de admiração. — O Rupert é charmoso. Consegue sempre o que quer. Na semana passada, numa festa, consegui convencer a namorada a emprestar-lhe o último preservativo...

De repente, quase perdeu o fio da conversa. Ao fundo do clube, tinha-se aberto uma porta e entrara um grupo de pessoas atrasadas. Esforçando-se para ver através do fumo que pairava sobre a assistência e que impossibilitava praticamente a visibilidade, Sean sentiu uma súbita esperança. O coração começou a bater desenfreadamente. De certeza que a pessoa mais à esquerda do grupo era Pandora. Melhor ainda, ninguém dos que a acompanhavam — se era realmente ela — era suficientemente alto para ser o namorado louro.

Se é que era ela. Sem gritar ao contrarregra para que acendesse as luzes da assistência, Sean não tinha forma de ter a certeza. Tudo o que podia fazer naquele momento era terminar aquela maldita sequência de piadas. Ainda bem que só lhe faltavam alguns minutos.

E ainda bem, também, que ela não sabia o tempo que ele tinha ficado à espera no carro para falar com ela na outra semana, constatou Sean com um estremecimento de alívio. Se ela o tivesse visto escondido à espreita, como um idiota, em frente do *The Moon and Sixpence*, a popularidade dele teria ido por água abaixo.

Mas naquele momento já nada disso interessava, porque Pandora estava ali. Tinha sido ela quem tinha chegado com o mesmo grupo de amigas quando ele ia a meio do seu número. Agora ele só tinha de ir até ela, cumprimentá-la casualmente e continuar do ponto onde tinha parado.

Ah, e desta vez não a salpicar com sangue dos pés à cabeça.

...

No piso térreo, um relógio anunciou as três horas. Sean deitou-se de costas na cama, enfiou uma mão debaixo da cabeça e olhou fixamente, através das cortinas brancas meio fechadas, para uma Lua quase cheia. O céu estava negro e pintalgado de estrelas. Algures, lá fora, um gato miava. Sean, que nunca se tinha sentido tão acordado, indagou-se se seria capaz de se levantar sem incomodar Pandora.

A noite tinha sido um autêntico sonho; ele ainda tinha dificuldade em acreditar que tinha acontecido. Quando, a seguir ao espetáculo, Pandora se tinha mostrado tão contente por vê-lo, ele ficara bastante entusiasmado e tinha-a raptado para um jantar absurdamente caro no Caviar Kaspian. Envergando uma camisa de seda verde-jade e uma maravilhosamente recatada saia preta em viés, ela tinha estado simultaneamente elegante e infinitamente desejável. Sean teve de se esforçar muito para não lhe tocar no restaurante. Não tinha sido feita qualquer referência a um namorado, passado ou presente, mas ele também não queria saber disso. Pelo menos ela estava ali com ele naquele momento.

— Estás diferente esta noite — disse finalmente Pandora, quando tomavam café. — Não entendo. Como podes estar tão diferente?

— Que posso eu dizer? — Sean sorriu abertamente. — Longe da vista, perto do coração.

Ela encostou, por um instante, ao pulso dele, a parte de trás da colher de café a ferver. — Vá lá, estou interessada.

Sean não tinha sido capaz de resistir a contar-lhe.

— Tu tinhas tirado o vestido — disse ele simplesmente. — Estavas ali no The Blue Goose, embrulhada naquela maldita gabardina, e o vestido dentro da mala.

Pandora fez um ar estupefacto. Depois sorriu. — E então?

— Estavas nua debaixo da gabardina — explicou Sean. — E não me disseste nada. — Abanou a cabeça, novamente admirado. — Achei que isso era tão... *fixe*...

— Não estava completamente nua. — O tom de Pandora era descontraído.

— Bem, tu sabes...

— Eu tinha a minha camisola interior da *Aertex* entalada numas cuecas grandes de lã.

— Cuidado. — Sean deu por si a sorrir descontroladamente. Tocou nos dedos dela, esticados sobre a toalha branca como a neve. — Acho que posso estar a apaixonar-me por ti. Acreditas em amor à segunda vista?

— É melhor esperares, — alertou-o Pandora, — até me veres com as cuecas e a camisola da *Aertex*.

...

Não havia nada a fazer; ele não ia conseguir voltar a adormecer, pelo menos não antes de tomar um copo de água. Levantando o edredão em câmara lenta, deslizou para fora da cama. Um roupão turco azul de Pandora estava pendurado num cabide da porta. Sean, que não gostava de deambular nu por uma casa desconhecida, vestiu-o.

Ele não queria bisbilhotar. Quando descera as escadas, não fora certamente com a intenção de andar a meter o nariz em tudo. Contudo, era perfeitamente natural que, depois de se ter servido de um copo de água fresca, ele perambulasse pela sala de estar a admirar o gosto de Pandora em quadros, que passasse indolentemente os dedos pela coleção de CD dela e espreitasse os livros que ela tinha na estante. Não era bisbilhotice, apenas curiosidade saudável, pensou Sean. Quando se tinha acabado de ir pela primeira vez para a cama com uma miúda de quem se gostava muito, desejava-se descobrir mais acerca dela. Ele só estava a captar algumas pistas, a descobrir que ela era fã de Tom Sharpe, de Aretha Franklin, de arte impressionista e de Scrabble.

As fotografias estavam despreocupadamente dispostas atrás de um castiçal de porcelana cor-de-rosa sobre a já apinhada moldura da lareira. Tendo cuidado para não tocar no solitário de aspeto frágil à esquerda e num pires com berlindes iridescentes à direita, Sean uniu dois dedos em tesoura e desencostou as fotografias da parede.

Só havia três, unidas com uma anotação escrita à pressa:

«Pandora, tinha de te enviar estas. Que dia fantástico — temos de repetir em breve! Com amor, Wendy.»

Sean olhou fixamente para as fotografias, duas das quais mostravam Pandora e o namorado louro a divertirem-se ao lado de uma piscina azul-celeste. Na primeira, ela estava a despejar-lhe um balde de água por cima. Na segunda, ele estava prestes a mergulhá-la de cabeça dentro da piscina.

A terceira fotografia, presumivelmente tirada pelo próprio Tarzan, mostrava Pandora sentada com as pernas dentro de água, acompanhada lado a lado por uma menina ruiva e sardenta e por um homem parecido com Richard Whiteley. Estavam todos a rir-se para a máquina, evidentemente a desfrutar do sol e da companhia uns dos outros. Pandora, em particular, envergando o biquíni mais reduzido que Sean já tinha visto, parecia estar a divertir-se mais do que nunca. Regressando quase obsessivamente às outras duas fotografias, ele observou atentamente o brutamontes louro com o físico perfeito e os dentes brilhantes.

Raiva cresceu dentro dele; raiva e uma sensação de rivalidade. Chocado, Sean constatou que estava com ciúmes. Quando, instantes depois, ouviu uma tábua de soalho ranger no piso superior, assustou-se e quase deixou cair as fotografias para dentro da lareira vazia.

Mal teve tempo para as enfiar de novo atrás do castiçal de porcelana antes de a porta da sala de estar se abrir.

— Aqui estás tu. — Pandora sorriu ligeiramente. — Pensei que tinhas fugido sorrateiramente ao luar.

Ela parecia aliviada por vê-lo, o que Sean considerou ser um bom sinal. Ele, que habitualmente mentia sem dificuldade, virou-se de costas para a lareira e viu a mão tremer-lhe quando lhe mostrou o copo meio vazio.

— Estava com sede; não conseguia dormir. Hum, vejo que gostas do Tom Sharpe. Também já li os livros todos dele.

— O Tom Sharpe faz-me rir às gargalhadas no metropolitano — disse Pandora. — Extremamente embaraçoso. Se não consegues dormir, que tal uma chávena de chá?

Sean não estava com vontade de beber chá. Uma nova onda de ciúmes inundou-o quando se perguntou se o tipo louro das fotografias seria melhor que ele. Pousou o copo de água, atravessou a sala e beijou muito lentamente Pandora na boca. Quando os braços dela lhe envolveram o pescoço e ele sentiu o corpo quente e perfumado dela começar a reagir, murmurou: — Tenho uma ideia muito melhor.

Mas Pandora estava a abafar risadinhas contra o ombro dele. Ela estava toda a tremer, tão tomada de riso que ele teve praticamente de a segurar para ela não cair.

— O que foi? — perguntou Sean, imediatamente desconfiado. Ele só gostava que as pessoas se rissem quando dizia alguma coisa engraçada. E se ela estivesse a fazer pouco de si?

Pandora secou as lágrimas dos olhos, soluçou duas vezes e tentou corajosamente controlar-se.

— Desculpa, desculpa. Estás a ser tão macho e sedutor. — Fitou-o com uma expressão apologetica, mas tinha o lábio a tremelicar. O riso ameaçava de novo explodir. — É que eu não sei como lidar com o facto de estar a ser seduzida por um homem que está com um roupão turco azul cheio de margaridas e com tesão.

Capítulo 9

Dez dias após o primeiro encontro no Clube Cameron, Jack viu de novo Imogen. Esteve durante algum tempo a observá-la a executar com esforço o último exercício de uma árdua sequência de aeróbica. Do outro lado do vidro, Imogen fingiu que não o tinha visto.

Quando a aula acabou, ela saiu, rosada e reluzente num body preto e caneleiras às riscas de todas as cores, com uma toalha pendurada nos ombros. Jack deu por si a cumprimentá-la com um rápido aceno de cabeça e um sorriso. Em seguida, ouviu-se a dizer: — Desta vez está mesmo com cara de quem precisa de uma bebida. O que vai ser?

Sim, sim!, pensou triunfantemente Imogen. Ela tinha estado a indagar-se quanto tempo demoraria ele a dar o primeiro passo vital. Como ela tão bem sabia, os homens felizes no casamento eram capazes de fazer perder a paciência a um santo. Às vezes levavam semanas só para reunirem coragem suficiente para terem pensamentos adúlteros...

E que maldita perda de tempo era.

A sorrir, Imogen cumprimentou mentalmente Jack Mandeville. Dez dias não era nem demasiado rápido nem demasiado lento. Na opinião dela, dez dias era perfeito.

Jack sabia o que estava a fazer, mas era incapaz de parar. A atração magnética que existia entre Imogen e si próprio era tão intensa que ele não tinha força suficiente para lhe resistir. Era também algo que ia contra os princípios em que há muito acreditava com veemência — mas também nunca antes lhe tinha acontecido nada parecido.

A única maneira como Jack tinha conseguido justificar o efeito que tal ato poderia ter no seu casamento fora dizendo a si próprio que nos últimos dez dias tinha sido uma companhia muito mais agradável. Quer tal se devesse a puro sentimento de culpa, ou porque simplesmente pensar em Imogen Trent o fazia sentir-se melhor, ele não sabia. Mas funcionava. Cass até já comentara o facto.

— Detesto dizer isto, mas as pessoas estão a começar a erguer as sobrancelhas na nossa direção.

Enquanto ele falava, Imogen esvaziou o copo de sumo de laranja e olhou para o relógio. Era quase uma e ela estava faminta. Se não comesse em breve, desmaiaria.

Jack leu-lhe os pensamentos. Ele também tinha um prazo a cumprir no que dizia respeito à crónica semanal que escrevia para o *Daily Herald*. Não cumprir esse prazo parecia-lhe, contudo, menos importante do que não ficar mais uma hora com Imogen.

— Há um restauantezinho italiano na Cardew Street — disse ele rapidamente. — Quase não vai lá ninguém; está praticamente vazio à hora do almoço. Porque não vou andando à frente para fazer o pedido enquanto você toma um duche e troca de roupa?

Dessa forma podiam ser vistos a sair separadamente do clube. Para um novato no assunto, Jack achava que não estava a sair-se nada mal.

Imogen, que tinha mais experiência, não teve coragem de lhe dizer que o *bluff* duplo não era certamente o estratagema mais eficaz. Almoço num restaurante apinhado, onde decerto encontrariam montes de pessoas conhecidas, era muito mais sensato do que correrem o risco de serem apinhados a esconder-se num vazio.

Contudo, ficou comovida com a demonstração de falta de experiência de Jack. E ficou ainda mais divertida quando, quarenta minutos depois, chegou ao La Traviata e verificou que ele tinha decidido ignorar a cerca de meia dúzia de lugares de estacionamento vagos mesmo em frente do restaurante. Como alternativa, o carro estava num lugar de parquímetro mesmo ao virar da esquina, ao lado de uma livraria de mau aspeto.

Jack estava a fingir examinar a ementa quando ela abriu a porta. O coração de Imogen contraiu-se de desejo assim que ela o viu. Ele tinha quarenta anos e era tão absurdamente atraente que quase lhe tirava o fôlego. Com um polo rosa-claro e umas calças de ganga desbotadas, com aqueles braços bronzeados e bem musculados pousados sobre a mesa em frente, a ideia de ele poder ser pai de adolescentes parecia ridícula.

Por mútuo acordo, decidiram ficar-se pela água mineral. Imogen pediu *tagliatelle* com alcachofras; Jack escolheu esparguete carbonara e descobriu que não era capaz de o comer. O apetite tinha desaparecido, provavelmente para sempre. Ele limitou-se a observar e a beber a *Pellegrino* gelada enquanto Imogen, agora de camisola púrpura e minissaia branca, comia pelos dois.

— Desculpe — disse finalmente Imogen, nada arrependida. — Como sempre quando estou nervosa.

— Eu nunca consigo. — Com o olhar penetrante, Jack tocou-lhe na mão. Eram os únicos clientes na bonita sala de jantar azul e branca. Não fazia sentido continuarem a fingir. — E, de qualquer forma, também não

há motivo para estar nervoso. Só devíamos enervar-nos com coisas que não queremos que aconteçam.

Irremediavelmente excitada, Imogen tentou fazer um ar recatado.

— E quanto às coisas que deviam acontecer?

No que dizia respeito a Jack, já era tarde de mais. O destino tinha assumido o controlo. Jack encolheu os ombros.

— Por vezes acontecem simplesmente.

A situação era verdadeiramente erótica. Imogen indagou-se se seria assim que se sentiriam as pessoas quando acertavam seis algarismos na lotaria. Era também uma situação bastante ridícula, constatou ela: ali estavam os dois a reconhecer que estavam prestes a ter um caso amoroso, e ainda nem sequer tinha acontecido nada físico. Nem sequer se tinham beijado.

— Quero beijar-te. — Céus, ela estava a ficar muito emotiva. Formou-se-lhe um nó na garganta. Anuindo com a cabeça para mostrar que estava a falar a sério, Imogen tentou novamente. — Quero sim.

— Eu também. — Jack esboçou um sorriso. O seu olhar precipitou-se na direção do chefe de cozinha e o empregado de mesa virou a atenção para cafés e copos de *Strega* ao fundo do restaurante. Mas ele era um rosto da televisão e havia alguns riscos que só um louco tomaria. Ele não podia dar-se ao luxo de beijar Imogen ali.

Ela sabia que ele estava certo, mas isso não conteve a frustração. Teriam os casais de namorados de outros tempos suportado realmente anos de espera desesperadora até estarem convenientemente casados? Demasiada ansiedade decerto não faria bem à saúde, pensou Imogen. Ela mal sabia como iria sobreviver àquela tarde.

— São duas e meia. — Jack olhou para o relógio e tentou preocupar-se com o término do prazo que se aproximava a passos largos. Tudo o que ele queria que Imogen fizesse era que sugerisse ir para casa dela.

Esperava-o mais decepção.

— Nós não nos organizámos muito bem, pois não? — Ela fez um sorriso triste. — Eu vou entrevistar uma princesa árabe em Belgravia às três. Se eu soubesse que isto ia acontecer hoje, podia ter desmarcado. Oh, Jack...

— Agarrou na mão dele e concentrou-se em não parecer demasiado alegre. — Ainda não consigo acreditar que isto está a acontecer. Não paro de pensar na Cass.

Mostrar um pouco de preocupação pela mulher ofendida era sempre uma boa jogada. Ninguém gostava de uma cabra completa.

— E achas que eu não pensei? O que a Cass não souber não poderá magoá-la. — Jack abanou a cabeça. Nada original, provavelmente, mas era o que não parava de dizer a si próprio. — Ela não pode descobrir, só isso.

Muitos homens levavam uma vida plena e feliz, mantendo com êxito tanto casamento como amante. Jack conhecia vários que faziam precisamente isso, homens cujas mulheres permaneciam maravilhosamente alheias à situação durante anos a fio. Porque não havia de acontecer o mesmo consigo?

Por outro lado, alguns homens eram descobertos em menos de nada.

Quando saíram do restaurante, Jack teve de fazer um enorme esforço para não deslizar os dedos por debaixo do cabelo dourado de Imogen e acariciar a nuca vulnerável. O desejo de lhe tocar era quase irresistível. Ele estava tão embrenhado em pensamentos, a tentar discernir quando poderiam tornar a ver-se, que nem sequer reparou no grupo barulhento de raparigas em idade escolar que saía da livraria para o passeio empoeirado adiante.

Aquelas perninhas magricelas eram estranhamente familiares, constatou Imogen. Com o seu olhar de jornalista, reparava nesses pormenores. Mas quem é que ela conhecia com pernas magricelas e um corte de cabelo engraçado?

Capítulo 10

— Hum... aquela não é a tua filha?
Jack mal teve tempo para gemer antes de Sophie, com um *timing* quase telepático, se virar para trás.

— Pai!

— Sophie...

Céus. Imogen lembrou a si mesma que não se tratava de uma situação engraçada. Oh, mas por favor... como podia um homem tão esperto ter um ar tão *incrivelmente* culpado?

Entretanto, Sophie esforçava-se por se recordar onde já tinha visto a mulher que estava ao lado do pai.

— Imogen Trent, da revista *Hi!* — disse rapidamente Imogen. — Lembra-te de mim? A que não tinha nem meias nem ligas?

— Claro. — A expressão de Sophie desanuviou. — Aquela com quem o pai foi *incrivelmente* antipático na festa.

— Não fui *incrivelmente* antipático. — Jack ainda estava com uma expressão de choque na cara.

— Foi sim. — Imogen virou-se de novo para Sophie. — Foi um porco, não foi? Ainda mal consigo acreditar que está a falar comigo agora.

— Não me diga que ele concordou em dar uma entrevista. — Desta vez, o tom de Sophie foi de franca incredulidade. — Não para a *Hi!*

— Ele pode ser um porco, — disse Imogen alegremente, — mas ainda não lhe nasceram asas. Nada assim tão dramático. Encontrámo-nos simplesmente no Clube Cameron. Ele pediu desculpa por ter sido desagradável na outra semana e eu quase desmaiei com o choque... e decidimos selar a trégua com um esparguete rápido no La Traviata.

Ao lado dela, Jack estava completamente tenso. Não lhe tinha, evidentemente, passado pela cabeça que deviam ambos tresandar a alho. *Ele é mesmo novato*, pensou afetuosamente Imogen.

Mas Sophie estava com demasiada pressa em alcançar as amigas para estar assim tão interessada. Passando a bagatela que tinha comprado na

livraria — *Aprenda Suaíli Sozinho* — de uma mão para a outra, dirigiu-me-ramente ao pai um aceno de cabeça aprovativo.

— Que bom. Bem, a mãe vai ficar contente.

A mãe não ficaria nada contente se soubesse o que estava realmente a passar-se, pensou Imogen.

Tentou sentir vergonha de si mesma, mas não conseguiu.

Quando Jack chegou a casa, Cass estava a tomar banhos de sol no terraço. Tal como ele observara mais cedo Imogen à distância, também naquele momento, no fresco refúgio da sala de estar, examinava cuidadosamente a mulher e indagava-se o que criaria a atração sexual.

Também se indagava sobre o porquê de, após tantos anos de casamento quase indecentemente feliz, a atração por Imogen ter surgido assim de repente. Não era algo que ele tivesse procurado, nem que desejasse particularmente que acontecesse; só que agora, que tinha realmente acontecido, ele desejava-o furiosamente, mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Nem sequer se dava o caso de ele ter uma daquelas mulheres que se tinha desleixado. No caso de alguns homens — e de algumas mulheres, claro — era visível o estado terrível em que os respetivos cônjuges se encontravam e percebia-se que mereciam, sem dúvida, alguém do lado para os animar.

Mas Cass nunca se tinha desleixado. Quem, com toda a justiça, poderia pedir mais? Aos trinta e nove anos de idade, possuía o tipo de corpo que muitas de vinte invejariam. Nada de estrias, nada de celulite. A barriga não estava caída, depilava frequentemente as pernas com cera e cheirava sempre maravilhosamente. Tinha também um sentido de estilo inato; tudo o que usava lhe ficava bem. Naquele momento, com o cabelo louro a cintilar ao sol que se derramava sobre o encosto da espreguiçadeira azul-escura, e com os seios dourados a saltarem para fora de um biquíni verde, ela estava completamente apetecível.

Numa escala de um para dez, Cass recebia um nove, porque a divina Audrey Hepburn tinha sido a única a quem Jack dera nota dez. Mas apesar de estar nesse momento sob o domínio daquela nova e avassaladora paixão, ele tinha de admitir que Imogen Trent não era nenhum nove. O cabelo ruivo era lindo, o bronzeado falso um pouco menos. Era, indubitavelmente, bonita e tinha um corpo harmonioso, mas se a colocasse ao lado de Cass e perguntasse a uma assistência imparcial quem era a mais atraente, não havia dúvida de que venceria Cass.

Jack odiou-se por pensar em algo tão grosseiro. Recordou as palavras do ator famosamente fiel, Paul Newman: para quê sair para comer um

hambúrguer quando se tem bife em casa? O problema era que, após vinte e três anos a comer bife diariamente, não ficaria qualquer um com vontade de experimentar um hambúrguer, só para variar?

Ugh, esse era também um pensamento grosseiro! Jack viu Cass contorcer-se para uma posição sentada, ajeitar os óculos de sol e pegar numa pasta de couro com as anotações e as cartas que precisava de rever para o programa da manhã do dia seguinte. Ao ser lembrado — como se precisasse de o ser! — do pouco tempo que lhe restava para cumprir o seu prazo, Jack saiu da escura sala de estar para o terraço inundado de sol.

— Querido. — Cass levantou o rosto para um beijo. — Bem me pareceu ter ouvido o carro mesmo agora. Está tanto calor aqui fora... podias besuntar-me as costas e os ombros?

Satisfeito por ter uma desculpa para ficar atrás dela, Jack começou a massajar lentamente *Ambre Solaire* na pele suave e aquecida pelo sol.

— Não vais adivinhar quem levei hoje a almoçar fora.

— Tom Cruise, Paddington Bear, Madonna, Bill Clinton...?

— A tua amiga Imogen Trent.

Cass escancarou a boca de espanto. À espera que ele dissesse «brincadeira», deu meia-volta na espreguiçadeira.

— A sério?

— A sério. — Jack continuou a massajar o óleo com movimentos deliberados lentos.

— Meu Deus, acho que vou desmaiar.

— Foi isso que disse a Imogen. A propósito, ela mandou cumprimentos.

— Mas como...

— Ela acabou de se inscrever no Clube Cameron. Cruzámo-nos no bar e eu lembrei-me de como ficaste zangada comigo a seguir à festa, por isso achei melhor pedir desculpa. E ela quase desmaiou com o choque — continuou Jack secamente. — Seja como for, conversámos um bocado. Quando ela mencionou o quão esfomeada estava, eu fiz a coisa decente e levei-a a comer umas massas. Então foi isso, fizemos as pazes. — Atarraxou novamente a tampa no frasco de *Ambre Solaire* e limpou as mãos a uma toalha que estava por perto. — Acho que ela não é assim tão má. Demonos bastante bem. Ah, e a Imogen diz que se algum dia quiseres um bocado de tortura, ela agradece a companhia. Ela anda na aula avançada de aeróbica, dada pela Susie, a Sádica. Eu disse que não havia hipótese alguma de tu ires a uma aula dessas.

— Talvez vá. — Espantada e encantada com a notícia da reconciliação entre Jack e Imogen, Cass tirou os óculos escuros para se certificar de que era realmente verdade.

— Mas tu odeias aeróbica. — Foi a vez de Jack ser apanhado de surpresa.

— Eu sei, mas estas coisas são sempre mais divertidas quando se está com uma amiga. Não me ia importar se soubesse que a Imogen ia estar lá. Além disso, — Cass beliscou a barriga morena, — eu devia começar a fazer alguma coisa antes que seja tarde de mais. Todas as miúdas lá da rádio vão a aulas de fitness e a Cleo também está sempre a insistir comigo. Afinal, estou quase nos quarenta. — Franziu o sobrolho. — Embora não tenha a certeza de conseguir aguentar uma aula avançada. A Imogen está em muito boa forma? Eu não queria passar vergonha.

— Não ias passar vergonha. — O tom de Jack era seco. A sua imaginação vergonhosa, que não parava, tinha mais uma vez invocado a imagem mental de Cass e Imogen, lado a lado, a serem avaliadas por uma assistência de clientes regulares do clube através da divisória de vidro que separava o estúdio de aeróbica do bar.

— A sério? — Cass fez um ar satisfeito. — Nesse caso, talvez vá experimentar.

Capítulo 11

Montar a cilada e verificar Colin Matheson tinha sido ridiculamente fácil. Cleo só tinha precisado de pedir a ajuda a uma amiga, Miranda, que tinha entrado no bar em que Colin estava a beber e tinha sido prontamente engatada.

Ele não tinha propriamente mordido a isca; tinha-a mais engolido inteira. E já tinha, nitidamente, tido muita prática, relatara Miranda. Conhecer outras miúdas e ser infiel a Linda era habitual para ele. Provavelmente ele via isso como nada mais do que um passatempo inofensivo, como o críquete. Miranda tinha tido imenso prazer em recusar a proposta dele.

Encantada com o sucesso do seu plano, Cleo sentiu todavia a coragem começar a faltar-lhe com a perspectiva de ter de relatar a notícia à pobre Linda. Colin podia ser escumalha e um canalha de primeira ordem, mas a vida de Linda tinha girado em torno dele nos últimos três anos e meio.

Na realidade, quando voltaram a encontrar-se num pequeno bar de vinhos na Berkeley Square, Linda facilitou-lhe as coisas.

— Ele caiu, não caiu? — Deu uma passa longa e desesperada no cigarro. Os enormes olhos violeta estavam tristonhos. — Não faz mal, podes dizer. Não vou cortar os pulsos.

Cleo teve de lembrar a si mesma que estava a fazer a Linda o favor da vida dela.

— Lamento imenso — disse abruptamente. — Tu disseste que ele passava sempre pelo Vampires para beber uns copos quando saía do trabalho. Eu mandei a Miranda porque tu disseste que ele gostava de morenas; ela só teve de se sentar ao lado dele ao balcão e deixar cair a carteira. O Colin ajudou-a a apanhar o dinheiro, começou a conversar, apresentou-se... e pronto. Dois copos depois estava a convidá-la para jantar no San Lorenzo. Quando a Miranda perguntou se ele estava envolvido com alguém, ele disse-lhe que tinha acabado de se separar da namorada e que estava a gostar de voltar a ser solteiro. — Cleo abanou a cabeça com repúdio. — Céus, porque é que os homens são tão cretinos?

Os famosos olhos violeta estavam agora a transbordar de lágrimas. —

Vou ter de cancelar o casamento. Oh, isto é horrível! E se eu nunca mais encontrar ninguém de jeito? Vou acabar uma velha solteirona encarquilhada e infeliz. *Ninguém* vai querer-me!

— Olha, se ele se atirou à Miranda em três segundos, significa que já o fez antes e que vai voltar a fazê-lo, para todo o sempre ámen. Mas a decisão é tua — disse Cleo com mais delicadeza. — Se queres mesmo casar com ele, vai em frente.

— Não. Eu sei que tens razão. É melhor sair agora.

As lágrimas pingavam sem parar do longo e elegante nariz de Linda. O jovem barman australiano esforçou-se para parecer que não tinha reparado.

— E, de qualquer forma, não vais acabar nada solteirona — garantiu-lhe Cleo. — Vais encontrar alguém muito melhor em menos de nada. Olha para ti, quem não ia querer agarrar em ti e dar-te a espécie de futuro que mereces?

Linda fungou e vasculhou a mala em busca de mais lenços de papel, largando a bola de lenços ensopados no cinzeiro já a transbordar.

— Eu vi o teu irmão num programa do Canal 4 uma noite destas. — Secou os olhos, fungou outra vez e recostou-se com um suspiro. — Ele é muito bonito, não é?

Cleo sorriu. — Sai à linda irmã.

— E também parece ser muito simpático. — Uma faúlha de esperança cintilou nos olhos que, apesar de raiados de sangue, ainda eram espetaculares. — Quero dizer, não estou a dizer para já, claro, — disse ela timidamente, — mas não me importava de lhe ser apresentada daqui a uns meses.

Pobre Linda, era só o que lhe faltava. Cleo constatou com inquietação que tinha de agir depressa.

— Não. És minha amiga e eu não podia fazer isso contigo. — Desta vez falou o mais firmemente possível. — O Sean pode ser divertido como irmão, mas já teve mais mulheres do que tu comeste saladas frias. Ele é um mulherengo, querida. No que toca a canalhas, ele é o maior de todos.

Sean não estava a ter a melhor noite da sua vida. Ele não sabia o que se passava e, depois de ter ansiado por aquela noite durante mais de quinze dias, a sensação de desilusão era avassaladora. E também estava a irritá-lo tremendamente.

As últimas duas semanas tinham sido de doidos. Quando se tinha finalmente entendido com Pandora, o seu agente tinha conseguido uma viagem de cinco dias à Escócia onde estava agendada a participação em três programas de televisão. Logo em seguida, tinha sido contratado para dar alguns espetáculos ao vivo nas ilhas Anglo-Normandas. De regresso a

Londres, entre espetáculos no Comedy Inc. e entrevistas para a imprensa nacional, mal tinha tempo para mais do que trocar de camisa. Quando tinha conseguido finalmente, a muito custo, trinta e seis horas livres, ligara repetidamente para o número de Pandora e não recebera nada mais compensador do que o interminável e enfurecedor ruído surdo de um telefone não atendido.

— Troquei de turno com uma das raparigas e tirei uns dias de folga — tinha-lhe dito Pandora na noite anterior quando ele conseguira finalmente falar com ela. — Fui para casa de umas amigas em Bath.

— Fantástico.

— Desculpa. — Ela tinha soado divertida. — Não é permitido?

— Queria estar contigo. — Sean soltou um suspiro, tentando, sem muito sucesso, não soar irritado. — Nem sabes o quanto tive de me esforçar para conseguir aquele tempo livre.

— Bem, como é que eu ia adivinhar que tu ias ter tempo livre? Não precisas de ficar rabugento — disse Pandora.

A voz dela tinha denotado uma ligeira, mas inequívoca, veemência. Impressionado, apesar da irritação, por ela não ser mais uma miúda afetada — ele já tinha conhecido muitas, mas era uma boa variação das fãs loucas que afluíam ao Comedy Inc. —, Sean abriu um sorriso.

— Ok. Senti a tua falta, só isso. E que tal esta noite?

— Estou a trabalhar.

— Depois do trabalho. Eu vou buscar-te. — Sean decidiu ser magnânimo. — O que preferias? Jantar ou discoteca?

Pandora hesitou por instantes. Por fim, disse: — Podíamos simplesmente ir para minha casa? Hum... eu cozinho.

Estava, definitivamente, a passar-se qualquer coisa. Assim que a tinha ido buscar ao The Moon and Sixpence, Sean pressentiu uma diferença em Pandora, mas não conseguiu identificar o que pudesse ser. Não era propriamente nervosismo, mas ela estava, indubitavelmente, menos relaxada que antes. Depois, já em casa dela, ela tinha-lhe entregue uma garrafa de *Cabernet* e um copo do tamanho de uma toranja.

— Podemos comer daqui a dez minutos. Porque não esperas na sala de estar enquanto eu emprato tudo?

As fotografias tinham desaparecido da lareira. Sean interrogou-se se significaria que ela não queria que ele as visse, ou se a relação teria acabado. Ele continuava a querer saber porque Pandora estava tão nervosa. Decerto não estaria prestes a dizer-lhe que a relação entre os dois estava acabada quase antes de ter começado.

Mas isso também não fazia sentido; ela podia ter-lhe dito ao telefone. E por que motivo não queria ela tornar a vê-lo?

— Isto é estúpido. — Abriu a porta da cozinha e anunciou o facto para as costas de Pandora, que estava ao fogão a misturar camarões e pedaços de ananás numa caçarola com molho crioulo em ebulição. — Porque não desligas isso? Vamos esquecer o jantar e subir já para a cama.

Pandora estava com um vestido justo de algodão escarlate, umas sandálias de salto alto em pele vermelha e dourada e verniz de unhas a condizer. Decidindo que ela tinha realmente os ombros mais irresistíveis que já tinha visto, Sean aproximou-se por trás dela e abraçou-a pela cintura. Beijando-lhe uma clavícula perfeita de cada vez, murmurou: — Talvez seja disso que estejamos a precisar para relaxar. Acostumarmo-nos outra vez um ao outro. Sabes uma coisa? Cheiras maravilhosamente bem...

— Gostava de fazer isso. — Pandora desligou os bicos a gás e colocou uma tampa na caçarola com o arroz quase pronto. Virou-se de frente para ele com uma expressão séria nos seus grandes olhos. — Mas temos de conversar. — Respirou fundo. — Lamento imenso isto, mas estou grávida.

Raios. O olhar de Sean deslizou automaticamente para baixo. Ela não parecia grávida. *Então era isso*, pensou ele. A festa tinha acabado. Maravilhosa.

— Ah, entendo. — Não admirava que ela não parecesse descontraída como habitualmente. Ele sorriu, para mostrar que estava solidário com o problema. — Que pena.

A boca de Pandora estava ligeiramente aberta. Finalmente, depois de olhar fixamente para ele durante alguns segundos, ela disse: — O quê?

— O caso clássico de péssimo *timing*, acho. — Sean encolheu os ombros. — E também logo quando estávamos a entender-nos tão bem.

— O quê?!

Confuso com aquela reação, Sean recuou um passo.

— Olha, é óbvio que estou dececionado. — Ele falava num tom supersensato. — Mas que mais posso eu dizer?! Quão entusiasmado esperas realmente que eu fique com o facto de ires ter um bebé de outro tipo qualquer?

Mais um silêncio sinistramente prolongado e depois: — Não é o bebé de outro tipo qualquer. — Pandora ergueu os olhos em direção ao relógio da cozinha, cujo tiquetaque parecia ter ficado inexplicavelmente mais barulhento. — É teu.

— Ora, vá lá. — Por um momento bizarro, Sean teve vontade de rir. Era loucura, mais do que loucura...

— Lamento, mas é.

— Mas nós só... fizemos... há quinze dias! Não podes imputar-me isto!

A expressão de Pandora alterou-se. Os olhos pareceram escurecer.

— Não estou a imputar-te nada — respondeu ela tranquilamente. —

Estou a constatar um facto. Há dois dias o meu período não apareceu. Sou sempre muito certinha. Fiz o teste esta manhã e deu positivo. Sabes, também foi um choque para mim. Lamento, mas é definitivamente teu.

Sean estava já a sentir-se nauseado. Ele não acreditava por um segundo, e a ideia de que ela estava a dar tudo por tudo para garantir que ele levasse com as culpas só fez aumentar a sua fúria. Acharia ela que ele era um autêntico idiota? Teria ela concluído que lá por ele estar a tornar-se muito conhecido e a ganhar em concordância, poderia certamente desembolsar montantes astronómicos em suborno, talvez até em pensão de alimentos?

Por amor de Deus, ele *tinha* cara de estúpido?!

— Oh, céus — disse Pandora secamente quando ele não respondeu. — Isto está a correr bem.

— Esta é uma brincadeira sem graça nenhuma. — Sean franziu os olhos. Tanto quanto sabia, ela podia até ser uma chantagista profissional. — Eu usei preservativos, caso te tenhas esquecido.

— Eu sei. E um falhou obviamente o teste.

Pandora estava a conseguir fazer um bom ar de indignação. Pelo menos não tinha tentado o número dos rios de lágrimas, pensou Sean. Se havia uma coisa que ele não suportava, era essa.

— Como podes ter tanta certeza de que é meu?

— Porque foste o único homem com quem dormi no último ano. — A raiva estava a começar a transparecer na voz dela. — Olha, eu sei que não é o tipo de noite que tinhas em mente, mas por que diabos eu te diria isto se não fosse verdade? És sempre assim tão confiante?

Sean não podia acreditar que aquilo estava a acontecer-lhe. Naquele momento desejava estar no clube, a beber com Donny e a engatar louras — louras seguras, de risinho parvo, que tomavam pílula e que não queriam nada dele a não ser a oportunidade de se gabarem às amigas pelo facto de terem passado a noite com ele.

— Porque haveria de confiar em ti? A mim parece-me tudo surpreendentemente conveniente. — Sean baixou a voz para acrescentar ênfase. — Uma ótima oportunidade para tirar o melhor proveito de uma situação incómoda. Podes estar a mentir — continuou ele, secretamente convencido disso. — Podes ter andado com outra pessoa e ter acabado tudo recentemente. Agora descobres que estás grávida, sabes muito bem que ele não vai querer ter nada a ver com isso e por isso decides conceder-me essa honra porque pelo menos sabes que eu posso fazer alguma coisa.

— Mas...

— Certo, deixa-me pôr as coisas desta forma — continuou Sean suavemente. — Eu sei que tens andado com outra pessoa. Vi-vos juntos... vi fotografias dos dois juntos... um tipo enorme, louro... está a fazer-se luz?

Por isso, no que me diz respeito, podes deixar-me fora disto. Volta a correr para aquele teu Hulk e vê se ele não se casa contigo, ou...

POOINNNGG!, fez a frigideira contra a cabeça de Sean. Raios, aquilo aleijava mesmo!

— Sai! — gritou Pandora enquanto ele cambaleava de lado contra o frigorífico, derrubando com o cotovelo um saco de rede com laranjas. Uma a uma, as laranjas rolaram de cima do frigorífico e rebolaram pelo chão ladrilhado a preto e branco. — Sai agora antes que eu te acerte de novo. És nojento e eu odeio-te! — sibilou ela, a tremer visivelmente de raiva. — Disseste que me amavas e agora estás a chamar-me mentirosa! Como te atreves a dizer-me uma coisa *dessas*?!

Capítulo 12

Era maravilhoso rever Imogen, e ainda mais maravilhoso o facto de Jack ter conseguido ultrapassar a desconfiança inicial que sentira em relação a ela, decidiu Cass. Não que fosse provável que algum dia se tornassem grandes amigos — nas poucas ocasiões em que se tinham encontrado os três no Clube Cameron, Jack tinha adotado o tipo de atitude educada, mas distante, mais comumente encontrada entre um médico fora do consultório e um doente hipocondríaco — mas pelo menos Jack já não era tão categórica e embaraçosamente grosseiro.

Cass pensou o quão agradável seria se ao menos Imogen tivesse um namorado, assim poderia convidá-los para jantar. Era o tipo de entretenimento de que ela mais gostava.

— Havia uma pessoa — admitiu finalmente Imogen, certa tarde, quando estavam a descontraír no terraço após uma aula de aeróbica particularmente cansativa. Mexeu o seu *Pimm's* com um indicador indolente. — Estivemos juntos quase dois anos, até ao outono passado, quando lhe foi oferecido um ótimo emprego em Los Angeles. Eu não queria deixar a *Hi!* e foi o fim. — Encolheu os ombros. — Desde então não houve mais ninguém.

— Você põe a carreira em primeiro lugar. — Cass, que nunca o tinha feito, continuava a considerar essa uma qualidade admirável numa mulher, um sinal de verdadeira força interior.

— Não sou assim tão obcecada. — A expressão de Imogen suavizou. — Se eu amasse mesmo o James, teria ido com ele sem pensar duas vezes. Acho que estava com receio de deixar tudo aqui, mudar-me para a Califórnia e constatar, tarde de mais, que não tínhamos um futuro juntos.

Até a aparentemente mais sofisticada mulher de carreira podia sentir-se insegura, constatou Cass. E Imogen era tão simpática; ali estava ela, no auge da sua beleza e sem um homem na sua vida, quando era óbvio que gostaria de ter um. Que terrível desperdício. Ansiosa para ajudar, Cass deu voltas à cabeça para tentar lembrar-se de todos os homens livres que conhecia, pensando que ser-se um pouco casamenteira não tinha nada de mal.

Imogen espreguiçou-se e bocejou. — Onde está hoje o Jack?

— Sabe, não consigo lembrar-me. — Cass pensou por um momento e abanou a cabeça. — Não, foi-se. De qualquer forma, não é nada interessante; ou nos estúdios de televisão, ou na Fleet Street. Pergunto-lhe hoje à noite quando ele chegar. — Sorriu. — Eu sei que já disse isto, mas estou tão contente por vocês os dois agora serem amigos. Faz uma *enorme* diferença.

— Ele ladra mais do que morde — disse Imogen descontraidamente. Sorriu. — Quando o conhecemos, o Jack até é porreiro.

O pequeno apartamento de Imogen, com o seu exterior cor-de-rosa, as flores brancas nas janelas e as pitorescas portadas de madeira, era surpreendentemente espaçoso por dentro.

— Não é ao que estás habituado — disse ela, instintivamente na defensiva, embora Jack não tivesse proferido uma palavra. Ela gostava do apartamento, mas não era tudo para ela na vida. Linhas simples e eficientes, mobiliário moderno e gravuras abstratas de boa qualidade adequavam-se a Imogen; eram de fácil convivência e não davam trabalho a manter limpas. Contudo, comparado com o que Jack estava habituado — à enorme, soalheira e apinhada, mas glamorosa, casa familiar de Hampstead —, pareceu-lhe subitamente frio, impessoal e estranhamente masculino.

Embora o gosto dela no que dizia respeito a papel de parede não fosse propriamente a questão. Imogen largou a jaqueta azul nas costas de uma cadeira de faia polida.

— Há vinho no frigorífico, se quiseres.

Havia também uma garrafa bem fria de *Bollinger*, mas ela não lho disse. Parecia demasiado piroso.

Ele estava ali, e era só isso que importava realmente. Estava a acontecer. Finalmente.

— É melhor não — disse Jack. — Se beber um copo, posso não conseguir parar e a Cass acha que estou no escritório. Não quero ir para casa perdido de bêbedo.

Imogen não queria, de todo, que ele fosse para casa. Semanas de planeamento e intensa ansiedade tinham conduzido àquele momento; tinham três horas divinas a sós e Jack já estava a falar em regressar para Cass.

Virando-se de frente para ele, Imogen deslizou os braços magros e sardentos em redor da cintura dele.

— Acho que já desperdiçámos tempo suficiente a admirar o meu apartamento. Preferia muito mais admirar o teu corpo.

Até àquela tarde, o relacionamento entre os dois não tinha passado de namorico. Assustadoramente ciente de que estava prestes a dar aquele último e irrevogável passo, e apercebendo-se de que a força dos seus senti-

mentos significava que não podia deixar de o dar, Jack emoldurou o rosto pálido e trémulo de Imogen nas mãos e beijou-lhe lentamente a boca. A sua ereção foi praticamente instantânea. Ia ser tão estranho fazer amor pela primeira vez em vinte anos com alguém cujo toque, cheiro e reações eram diferentes dos de Cass. Ele só rezava para não passar vergonha, deixando Imogen a lamentar-se: «Só isso?»

Como se estivesse a ler-lhe os pensamentos, ela murmurou: — Sabes, eu também estou assustada.

— Acho que é melhor levas-me para o teu quarto. — Jack esboçou um sorriso. — Estou demasiado velho para fazer isto no chão.

Ele também não queria correr o risco de ir para casa com abrasões provocadas pela carpete.

— Foi seriamente bom! — suspirou Imogen muito depois.

Talvez abrisse agora o *Bollinger* para comemorar. Ela não conseguiu deixar de se perguntar se Jack se daria a tanto trabalho com Cass, ou se tantos anos de familiaridade tinham causado danos. Provavelmente, quanto mais longo era o casamento, mais curto era o ato, até estarem ambos demasiado velhos para o fazer.

Deitado na cama ao lado dela, Jack arriscou um olhar sub-reptício para o relógio. Ainda não eram horas de sair, ele sabia, mas sentia aquela compulsão irresistível de se certificar. Como era possível sentir-se tão feliz e, ao mesmo tempo, tão tomado de culpa?

— Não te levantes. — Esticou o braço para impedir que Imogen saísse da cama. — Falando em seriamente... isto é sério, não é?

— Espero bem que sim! — Imogen ergueu as sobrancelhas a fingir indignação. — Ia odiar descobrir que só estás aqui porque fizeste uma aposta com os teus amigos do clube.

Jack beliscou-lhe o pulso. — Podias ter sido tu a fazer isso. Não sou completamente ingénuo, sabes? Posso nunca ter feito nada, mas já tinha sido abordado pela brigada «vamos-para-a-cama-com-uma-celebridade».

— Nunca quis tanto ir para a cama com alguém — disse Imogen. — Mas gostava que não fosses uma celebridade. Para mim, só serve para tornar as coisas um milhão de vezes mais difíceis.

Ela tinha respondido indiretamente à pergunta dele, embora ele já soubesse a resposta. O que tinha acontecido naquela tarde não era simplesmente uma questão de satisfazer uma curiosidade mútua. Não se tratava de um romance casual, de curto prazo. A perspetiva de ser descoberto — de magoar e talvez até perder Cass — era demasiado horrível, mas, ao mesmo tempo, Jack sabia que não havia nada que pudesse fazer para parar o que já tinha começado.

Teriam simplesmente de ser extremamente cuidadosos, decidiu; apenas isso. O destino estava já a dar uma mãozinha ao providenciar uma porta que fazia ligação entre a garagem coberta de Imogen e o apartamento acima. Isso significava que ele podia entrar e sair do apartamento sem ser espionado por vizinhos bisbilhoteiros. Eles podiam não poder sair muito, mas pelo menos tinham uma casa segura. E havia outras pessoas na sua situação que também conseguiam; quantas vezes se ouvia dizer que uma personalidade dos meios de comunicação social ou da política, respeitavelmente casada, anunciava subitamente que tinha estado envolvida com outra mulher nos últimos seis ou sete anos.

Se eles conseguem, pensou Jack, confortado com a ideia, eu também consigo.

A parte do Cass Mandeville Show de terça-feira de manhã em que os ouvintes telefonavam para falar dos seus problemas era um enorme sucesso de audiências, um dos pontos altos da semana. Descoberta há muitos anos por Terry Brannigan, Cass tinha, igualmente, feito uma descoberta. Arrastar a enorme e peituda Jenny Duran do sombrio gabinete da correspondência para o estúdio tinha sido uma das jogadas mais inspiradas da sua vida.

Uma solucionadora de problemas por natureza, Jenny nunca ficava embaraçada numa resposta. A sua atitude atrevida, prática e direta contrastava perfeitamente com o estilo mais delicado e descontraído de Cass. Os diferentes sentidos de humor complementavam-se. Judia, no final da casa dos vinte e colecionadora inveterada de namorados — a maioria deles extremamente inadequados —, Jenny sabia tudo o que havia para saber sobre solteiros. Quando ligavam ouvintes com queixas mais orientadas para a família, e que incluíam sogros intrometidos, maridos chatos ou crianças enervantes, recorriam instintivamente a Cass. Entre as duas, nenhum problema ficava por responder. Juntas eram um sucesso estrondoso.

— Sabe, é a minha melhor amiga. — Marianne, de Coventry, estava em linha e parecia agitada. — Ela acha que está casada com o homem mais maravilhoso do mundo. O que se passa é que na semana passada eu descobri que ele tem andado com outras mulheres e não sei o que hei de fazer.

— Nada — respondeu prontamente Jenny. — Você pode estar enganada. Esqueça. Não pense mais no assunto.

— Oh, por favor, como podes dizer isso? — protestou Cass. — Não posso crer que disseste isso! E a pobre da amiga, se for verdade?

Era assim que funcionavam, discutindo as duas os prós e os contras de cada situação que ia surgindo. E Cass também não estava a fingir. Ela tinha assumido automaticamente que Jenny iria pertencer à brigada «enforca-o-canalha-pelas-gónadas».

— Ah, mas eu estou a falar por experiência própria. — Jenny oscilou as sobranceiras expressivas na direção de Cass. — Uma experiência pessoal *bastante* amarga! Eu estava exatamente na mesma situação que a Marianne... e como a minha amiga tinha dito uma vez que queria saber se tal lhe acontecesse, eu contei-lhe. Bem, afinal ela não queria saber. Chamou-me cabra venenosa e disse que nunca mais queria falar comigo. E foi assim o fim de uma bela amizade. Ela ficou com o sacana mentiroso do marido e nunca me perdoou. Vá por mim, Marianne, — concluiu Jenny com firmeza, — guarde essa informação para si. Se lhe contar, ela não irá agradecer-lhe. Como acabou de dizer, no que diz respeito à sua amiga, ela está casada com o Sr. Maravilha. Se as ilusões dela acabarem destruídas... bem, nesse caso poderá consolá-la interminavelmente. Entretanto, não diga nada.

Ainda estupefacta, Cass disse: — Sim, mas nem todas as mulheres são assim! Imagino que a maioria gostaria de saber, através de uma amiga solidária, se estivesse a ser enganada. Eu queria com certeza.

— Bem, não somos tão prestativas? — acrescentou Jenny alegremente. Estavam apenas a quarenta segundos do noticiário do meio-dia; estava na hora de terminar a chamada.

— Talvez alguns de vós tenham outra opinião acerca deste assunto. — Cass preparou-se para encaixar uma música de propaganda. — Por favor, liguem e digam-nos o que pensam que a Marianne devia fazer. Nós regressamos a seguir ao noticiário e à meteorologia, por isso continuem a ligar. Queremos os vossos pontos de vista... — A sorrir para Jenny, acrescentou: — ... especialmente se concordarem comigo.

— Ela só está a ser assim tão corajosa, — ripostou Jenny, — porque sabe que nunca terá de lidar com este tipo de bomba. Votem em mim, todos os que nos ouvem, porque desta vez eu estou definitivamente certa!

Capítulo 13

Tinham-se passado quase quinze dias desde que Sean tinha sido atingido pela sua bomba pessoal, e durante esse tempo ele não tinha visto nem sabido notícias de Pandora. Porém, como uma carta do fisco de aspeto ominoso, não a abrir por exigir um imposto escandaloso não ia fazer desaparecer o problema.

Uma vez mais, Pandora estava a ocupar praticamente todos os seus pensamentos, só que desta vez ele não estava a gostar nem um bocadinho. Ela tinha-lhe mentido, ao negar a existência de outra pessoa na sua vida, mas ele continuava desconfortavelmente ciente de que o seu comportamento tinha sido péssimo. Se o que ela lhe tinha contado acerca do bebé fosse verdade, ele sentir-se-ia muito mal... quase tão mal como Pandora provavelmente estaria a sentir-se naquele momento.

E, claro está, havia ainda uma ínfima probabilidade de ser realmente verdade. Nunca tendo, até então, pensado muito no assunto, Sean tinha entrado na farmácia, comprado um teste de gravidez e descoberto, após a leitura das instruções, que era realmente possível obter-se um resultado positivo tão rapidamente como Pandora tinha afirmado.

Cada vez que lhe ocorria que podia mesmo ser responsável pelo contratempo, ficava cheio de vergonha. Uma noite, sonhara até que estava a segurar o seu bebé. Finalmente, incapaz de viver mais com a culpa, ligou para casa de Pandora.

— Olá, sou eu. — O coração começou a bater rapidamente quando ela atendeu o telefone. — Hum... como estás?

Tal como ele achava que ela tinha todo o direito de estar, Pandora parecia cautelosa ao extremo.

— Bem, obrigada.

— Ainda...?

— Grávida? Ah, sim. Ainda.

As palmas das mãos de Sean estavam a suar. Ele limpou a mão livre à perna das calças de ganga. Pelo menos ela não lhe tinha batido com o telefone na cara.

— Olha, talvez fosse melhor falarmos. — Ele falava com hesitação. O som da voz fria de Pandora ainda tinha um efeito enervante sobre si... Sean só desejava que aquela situação louca de gravidez não tivesse acontecido. Em circunstâncias diferentes, poderiam ter passado um bom bocado juntos.

— Diz, — disse Pandora, — estou a ouvir.

— Não ao telefone. Posso ir aí? — Sean consultou o relógio. — Consi-go estar aí às cinco.

— Ok. — Ela não soava propriamente radiante. — Não vai demorar, pois não? Às seis tenho de estar no trabalho.

Tudo o que Sean queria fazer era esclarecer as coisas, principalmente para a sua paz de espírito. Quando, quarenta minutos depois, chegou à porta de Pandora, não estava certamente à espera que esta fosse aberta pelo enorme namorado louro que, para início de conversa, tinha sido a causa de todo o problema.

Ele era também enorme, ainda mais alto e largo de perto do que Sean se recordava. Por um horrível segundo, ele indagou-se se Pandora lhe teria preparado alguma armadilha. Estaria ele prestes a ser desfeito em polpa? Iriam todos os seus dentes acabar goela abaixo? Iria sobreviver para tornar a dizer uma piada?

Mas o seu antigo rival, para muita confusão de Sean, estava a sorrir-lhe abertamente.

— Olá, deves ser o Sean. Entra. A Pandora está lá em cima, mas ela desce já. Sou o Joel, o irmão dela. — Olhou para o relógio e pegou numa raqueta de ténis que estava na mesa da entrada atrás de Sean. — E estou atrasado. Desculpa, tenho de ir. De qualquer forma, prazer em conhecer-te. Talvez nos vejamos noutra altura...

Em seguida a porta fechou-se com força atrás dele. Sean, que se tinha encolhido instintivamente quando a raqueta de ténis passara a poucos centímetros da sua orelha esquerda, demorou alguns segundos a entender o que tinha acabado de ouvir.

Pandora apareceu no cimo das escadas, envergando uma t-shirt cinzenta-clara e umas calças estilo tropa.

— Essa expressão na tua cara — comentou ela. — Interessante. Presumo que tenha acabado de cair a ficha?

— Ele é teu irmão — respondeu estupidamente Sean. Sentia-se bastante entorpecido. — A sério? Quero dizer, ele é realmente teu irmão?!

— Bem, meio-irmão. A minha mãe casou duas vezes. Ela é branca — explicou Pandora. — E o pai do Joel também. O meu pai era preto.

— Fantástico. — Sean fitou-a, exasperado. — Muito obrigadinho. Po-

dias ter mencionado isso, sabes? Quando eu disse que te tinha visto com um tipo louro enorme, tu podias ter-me dito...

Lentamente, um passo de cada vez, Pandora desceu as escadas.

— Ah, sim? Teria feito alguma diferença?

— Claro que faz diferença! — gritou-lhe Sean. O que pretendia ela, a ser propositadamente obtusa?

— Bem, lamento, mas não vejo as coisas dessa forma. Vê da minha perspetiva — disse calmamente Pandora. — Espiaste-me e vasculhaste os meus bens pessoais. Recusaste-te a acreditar que podias ser o pai deste bebé, chamaste-me mentirosa e aldrabona e deixaste perfeitamente claro que para ti eu tinha sido apenas um desafio, uma diversão... uma... uma...

Sean viu a tez dela ficar castanha-esverdeada. Com um gemido de resignação, Pandora deu meia-volta e tornou a subir disparada. Preocupado que ela estivesse prestes a desmaiar, ele correu atrás dela.

— Vai-te embora — disse Pandora entre náuseas, com a cabeça baixa sobre a bacia da casa de banho e a mão direita tateando cegamente à procura do rolo de papel higiénico. — Não estejas aí espetado! Se queres fazer alguma coisa de útil, desce e vai fazer um chá.

Chocado com a visão do pescoço vulnerável e ombros trémulos, Sean inclinou-se para a frente, desenrolou o rolo de *Scottex* e enfiou um grande pedaço na mão dela.

— O que é?

— Ohhh — gemeu Pandora. — Enjoos matinais, seu idiota...

— Mas... mas são cinco e vinte.

— Diz isso ao bebé. Sean, estou a falar a sério. Sai daqui!

Ele estava irremediavelmente confuso. A sua vida estava em vias de ficar de pernas para o ar. Pandora continuava a tentar discutir e ele só queria abraçá-la. Ele nem sequer queria saber que ela estivesse a vomitar.

Mas como estava, nitidamente, a incomodar Pandora, retrocedeu. Quando, dez minutos depois, ela desceu cambaleante, pálida, desanimada e a tresandar a pasta de dentes, Sean entregou-lhe uma chávena de chá quente adoçado e uma bolacha digestiva *McVitie's*.

Pela primeira vez naquela tarde, depois de bebericar o chá, Pandora sorriu.

— Não ponho açúcar.

Ele sabia tão pouco sobre ela.

— Toma, bebe o meu. — Sean fez uma troca. — E come a tua bolacha.

— O que és agora de repente? O Dr. Kildare?

— Faz o que te disse. Queres que ligue para o teu trabalho a dizer que não podes ir esta noite?

— Se não trabalhar, não recebo. — Pandora abanou a cabeça. — Não te preocupes, eu vou ficar bem.

— Olha, vim cá hoje porque havia coisas que precisávamos de esclarecer. — O olhar de Sean suavizou. A vontade de estender a mão e lhe tocar era avassaladora, mas ele ainda não era capaz de se atrever. — Até agora já esclarecemos mais do que eu estava à espera, mas ainda tenho de fazer algumas perguntas.

— Não vou livrar-me dele, se é isso que estás mortinho por saber. — Pandora entrelaçou os dedos em volta da chávena de chá. — Lamento, não posso.

— Não lamentes. — O tom de Sean foi determinado, encobrimo a culpa que ele sentia por ter sequer considerado tal opção. Passou-lhe pela cabeça uma outra coisa. — Ainda não disseste ao teu irmão.

— Ainda estou a habituar-me à ideia. — Pandora fez um ar apologético. — Ele acha que apanhei uma intoxicação alimentar. Mas aviso já que ele não vai ficar encantado quando souber.

— Não te preocupes com isso. Havemos de nos arranjar.

Pandora ergueu as sobrancelhas. Ele tinha mudado de tom.

— Agora já confias em mim? Não continuas a pensar que estou a mentir?

— Confio em ti. — Desta vez, Sean pegou na mão dela e massajou suavemente os dedos magros despidos de anéis. Ele queria dizer «amo-te», mas achou que não seria muito bem aceite.

— Não me conheces — disse Pandora com tristeza. — Nem sequer sabes se ponho açúcar no chá. E vamos ter um bebé. Já agora, eu nunca minto. — Os enormes olhos castanhos fitaram os dele. — Se vieres mesmo a conhecer-me, descobrirás isso por ti próprio.

— Acho que já descobri. — Sean sorriu, debruçou-se sobre a mesa da cozinha e beijou-lhe a boca macia com aroma a chá e a pasta de dentes. — Tu nunca mentes. Apenas não dizes as coisas que as outras pessoas poderiam dizer automaticamente.

— Queres dizer, estilo: «Oh, não, acho que vou vomitar outra vez»? — Assim que acabou de o dizer, Pandora ficou verde outra vez. Tapando a boca, saiu disparada em direção às escadas. — Ok, estou a dizer agora...

Capítulo 14

Semanas de um tempo magnífico terminaram com uma trovoadas na terça-feira seguinte. Imogen, que tinha acabado de passar algumas horas enfadonhas a entrevistar um ator com um cérebro do tamanho de uma bolota, estava a atravessar a cidade de carro para o encontro seguinte. Ligou o rádio e sintonizou o programa de Cass Mandeville no preciso momento em que as primeiras gotas de chuva começaram a bater violentamente contra o para-brisas. O céu estava cinzento-escuro, precisamente do mesmo tom que a camisa de seda *Agnes B* que ela tinha vestida e que Jack lhe tinha comprado na semana anterior.

Uma faixa de um álbum dos Dire Straits estava naquele momento a tocar no rádio. Imogen divertiu-se por breves instantes a fazer os limpapara-brisas funcionarem ao ritmo da música e depois voltou a atenção para o jantar da noite seguinte. Tinha sido ideia de Cass, claro, e Jack não tinha sido capaz de objetar. Dois dos casais eram amigos de longa data dos dois, o que era bastante compreensível, e o terceiro casal era constituído por Imogen e o novo produtor nomeado do programa da manhã do Kingdom Radio. Chamava-se Roly Brent e era o encontro às cegas de Imogen daquela noite, para sua grande diversão e repugnância de Jack. Cass, a única que o conhecia, tinha grandes esperanças quanto ao desfecho. — Ele é encantador — disse, entusiasmada, a Jack. — Muito atraente e um nadinha tímido. Acho que é exatamente o que Imogen precisa.

— Não te atrevas a dar-lhe corda — tinha rosnado Jack no dia anterior, meio a brincar, quando se tinha encontrado com Imogen no apartamento dela para uma sessão à hora de almoço.

— Vou ter de dar um bocadinho — tinha ela protestado a rir-se. — Para manter aparências. E é isso que a Cass deseja tão desesperadamente. O mínimo que posso fazer é parecer grata.

Os Dire Straits chegaram ao fim. Imogen aumentou o volume no momento em que a chuva, a tamborilar no tejadilho do carro, quase encobriu a voz de Cass. Oh, que bom, era o programa com participação telefónica.

Imogen levantou um bocadinho mais o som. Os problemas dos outros davam sempre vontade de rir.

— ... e agora temos a Beryl em linha, que nos liga de Islington. Beryl, parece que tem algo a acrescentar ao debate da semana passada acerca do que fazer se descobrimos que o marido da nossa melhor amiga está a ter um caso extraconjugal.

— Ou mulher — interrompeu Jenny alegremente, antes que centenas de maridos indignados pudessem obstruir as linhas telefónicas a queixarem-se que também tinham sido enganados.

— Sim, estou. — Beryl, de Islington, soava a mulher de meia-idade e ofegante. — O que se passa, Cass, é que eu ouvi o que você disse, que a mulher tem o direito de saber se o marido tem uma aventura, e pensei muito sobre o assunto durante esta semana.

Um camião TIR passou por Imogen e levantou uma onda de água suja. O condutor do pesado olhou maliciosamente para ela, num sinal evidente de aprovação da minissaia vermelha e coxas firmes artificialmente bronzeadas.

Troglodita, pensou Imogen.

— Sim, continue — incitou Cass.

— Certo, bem, estou a ligar para dizer que o seu marido anda metido com outra. — Beryl acelerou. — E eu sei que não sou a sua melhor amiga, mas achei que devia saber na mesma, porque eu vi-o, sabe, a entrar sorrateiramente na casa de uma rapariga lá da minha rua... Ele usa óculos escuros e agacha-se no banco do passageiro do carro — é um MR2 verde garrido — mas é, definitivamente, ele. E porque é que ele haveria de se comportar assim se não estivesse a fazer alguma coisa que não é suposto fazer? Nunca se deve confiar numa ruiva, é o que eu tenho a dizer, Cass. São umas dissimuladas. O meu marido trocou-me por uma ruiva...

— Oh, céus, parece que perdemos a Beryl. — Depois de tocar numa Cass paralisada, Jenny cortou a chamada e colocou outro disco no gira-discos. Rapidamente, disse: — A seguir a esta música de Sting, temos uma chamada sobre travestismo. Esperemos que não seja do meu namorado, eh?

Quando Sting inundou o estúdio, cantando tristemente «If I Ever Lose My Faith In You», Cass constatou que não conseguia mexer-se. Independentemente do quanto tentasse, nada acontecia. Através da parede de vidro laminado do estúdio, viu rostos interessados à espreita. Então era essa a sensação de se ser macaco num espetáculo do zoo.

— Ora, Cass, devias ter-lhe cortado logo o pio — repreendeu Jenny. — É para isso que servem os botões! Mais um pouco e ela provavelmente tinha-te dito que era ela quem estava a ter o caso com o Jack.

— Não, não diria. — Agarrada à borda da mesa, indagando-se se estaria prestes a desmaiar, Cass levantou-se desajeitadamente. — Desculpa, tenho de sair daqui.

— Mas Cass... — O travesti continuava à espera na linha três. Alarmada, Jenny fez sinal ao produtor, através do vidro, para a ir ajudar. — Não podes ir-te embora! O que aquela mulher estúpida disse não é verdade! Quero dizer, que raios ia justamente o teu Jack querer com uma ruiva?

— Não sei — disse Cass entorpecidamente quando todo o seu mundo desabava. — Mas parece que quer. E eu sei quem ela é.

— Merda, *merda!* — disse Imogen com a voz entrecortada, tão aturdida que quase bateu no carro da frente. Quem diabos era Beryl e o que é que lhe tinha passado pela cabeça para dar com a língua nos dentes em direto na rádio?

Que maneira de ser descoberta. Ridiculamente, momentos depois, Imogen deu por ela a chorar numa passadeira, enquanto os peões passavam em magote em ambas as direções em frente do carro. Quantas ruivas circulariam por Londres num *MR2* verde-esmeralda? Seria possível que as pessoas comesçassem a apontar para ela? Raios, ela não queria que aquilo acontecesse. Jack ia passar-se quando descobrisse.

Cass sabia que não tinha ajudado a situação ao ter saído daquela forma do estúdio. Se se tivesse, de alguma forma, obrigado a permanecer calma, se tivesse despachado Beryl, de Islington, como uma mera ouvinte importunadora, talvez até feito uma ou duas graçolas acerca da situação e prosseguido alegremente com o programa, era provável que tivessem conseguido safar-se.

Ter-se pisgado como um foguete, deixando Jenny a resolver tudo sozinha, e ter precisado de ser metida num táxi por não estar capaz de conduzir, tinha basicamente entregado o jogo. A notícia tinha-se espalhado rapidamente. Quando Cass chegara a casa, o telefone estava a tocar insistentemente. Uma agitada Sra. Bedford entregara-lhe uma lista de mensagens dizendo-lhe que o *News of the World*, o *Sun*, o *Mail* e a *People* já tinham ligado e pareciam muito persistentes.

— Queriam que eu lhes desse alguma coisa que pudessem citar — queixou-se a Sra. Bedford, confusa com os acontecimentos. — Eu não sabia o que dizer, por isso desliguei o telefone. O que se está a passar, Cass? Não sabia de divórcio nenhum.

A funcionar em piloto automático, Cass abanou a cabeça e ligou a chaleira elétrica sem lhe meter água. — Está tudo bem, não vai haver divórcio. A imprensa foi atrás de uma história absurda vinda sabe-se lá

de onde. Olhe, porque não tira o resto do dia? Vá para casa. Eu trato de tudo aqui.

— Parece-me que vai é mandar a casa pelos ares. — A Sra. Bedford desligou a chaleira e encheu-a com água na pia. O seu pânico deu lugar a compaixão quando se apercebeu do quão chocada e vulnerável estava Cass.

— Não faz mal, querida. Eu fico.

Mas Cass abanou a cabeça.

— Eu tiro o telefone do descanso. O Jack está quase a chegar a casa. A sério, eu estou bem.

Capítulo 15

Jack, que tinha estado na redação do jornal quando os primeiros rumores da história tinham começado a circular, percebeu que tinha de ir imediatamente para casa. A praguejar, passou de carro a toda a velocidade por um bando de fotografos que estava ao portão.

No piso térreo, não havia sinal de ninguém e o telefone estava fora do descanso. Encontrou Cass lá em cima na cama.

— Então é isso — disse Cass em voz baixa quando viu a expressão na cara dele, que o atraíçoaava por completo. — Seu canalha.

Ela estava a tremer, apesar de a temperatura do quarto ser quase tropical. Estava embrulhada no edredão e tinha uma espessa camisola de lã vestida. A pingar água da chuva que lhe tinha ensopado a camisa, Jack passou uma mão pelo rosto e perguntou-se como diabos iria começar. Como podia explicar a Cass uma coisa que nem ele próprio entendia? E porque é que alguns homens conseguiam manter romances discretos durante anos a fio, pensou com aborrecimento, e ele tinha sido descoberto numa questão de semanas?

— Pelo menos vem lá para baixo. — Ele não queria soar irritado, mas foi assim que lhe saiu.

Cass, que esperara, mesmo quando já não havia esperança, que tudo não passasse de algum engano terrível, sentiu algo morrer dentro de si.

— Este é o dia mais horrendo da minha vida — disse bruscamente. — Se quiser ficar na cama, é isso que farei!

Não tinha havido tempo para ensaios. Olhando fixamente através da longa janela para a tempestade que ainda grassava lá fora, Jack constatou que não fazia a mínima ideia do que dizer.

— Olha, desculpa.

Cass não queria acreditar. Desculpa era o que se dizia quando se esquecia de colocar açúcar no café de alguém, quando se pisava acidentalmente o dedo do pé, quando se telefonava a meio de *Coronation Street*. A precisar de libertar a fúria que sentia, Cass pegou no objeto pequeno mais

próximo e atirou-o à cara de Jack. Para sua frustração, era apenas uma embalagem de lenços de papel com motivo floral.

— Isto não vai ajudar. — Jack apanhou-os e colocou a embalagem na cómoda de nogueira atrás de si. — Olha, podemos ao menos tentar resolver isto sensatamente?

— Sensatamente? Sensatamente! Agora sei qual é a sensação de se querer dar um tiro em alguém. — A plenos pulmões, Cass gritou: — Vai por mim, se eu tivesse agora uma arma, atirava! Andas a ter um caso com a Imogen Trent, Jack! Esperas realmente que eu seja sensata acerca disso?!

Cansado, Jack abanou a cabeça. — Ok, mas por favor não fiques histerica. Estas coisas acontecem, Cass. A toda a hora. Tu própria disseste que parece que hoje em dia toda a gente o faz...

— Mas não nós. — Cass fitou-o de olhos fundos. Ele nem sequer parecia o Jack que conhecia... ou pensava que conhecia. E agora estava a justificar o seu comportamento como um miúdo qualquer de oito anos apanhado com a boca na botija, dizendo que toda a gente fazia o mesmo.

— Nós, não, Jack. Pelo menos, não eu. — Os arrepios intensificaram-se; Cass indagou-se se alguma vez voltaria a sentir-se quente. Depois perguntou-se se algum dia voltaria a sentir-se normal. — Há quanto tempo dura isso? A entrevista à *Hi!* foi ideia tua? Combinaram tudo os dois?

Pelo menos agora ele podia ser sincero. A mentira interminável tinha sido esgotante para Jack, já que não estava habituado a dizer nada para além da verdade. Sentou-se na beira da cama e Cass encolheu-se.

— Claro que não. Eu não faria uma coisa dessas. — Ele soava ligeiramente magoado por ela pensar tal coisa. — Se não a tivesses convidado a vir cá para fazer a entrevista, nada disto teria acontecido. Eu nem sequer queria que acontecesse...

— Mas, obviamente, não quiseste com força suficiente. — Cass começou a levantar a voz. — Se não queremos uma coisa, Jack, dizemos não. É tão simples como isso.

Agora que estava sentado, Jack pôde ver a imagem dos dois refletida no espelho do toucador: Cass, pálida e rodeada por edredão e ele com as mãos cerradas e os cotovelos apoiados nos joelhos. O efeito de espelho só serviu para intensificar a sensação de que estava a assistir a dois atores numa peça — e, ainda por cima, uma peça que não era sequer particularmente original. As frases feitas que dava por si a dizer eram chocantes, mas ele sentia que não tinha outra opção.

— Tentei dizer não. Acredita em mim, Cass, tentei mesmo.

— Tretas! — disse Cass asperamente. Por um instante, tapou a cara com mãos trémulas. — Vá lá, conta-me a verdade. Quem perseguiu quem? Jack foi incapaz de lhe dizer que tinha sido Imogen quem tinha in-

citado a relação. Amando Imogen, como amava, sentiu necessidade de a proteger.

— Não houve perseguição nenhuma. — Ele falava em voz baixa, com uma mistura de justificação e orgulho. — Às vezes estas coisas acontecem simplesmente. A primeira vez que nos vimos... bem, acho que soubemos imediatamente...

— Acho que vou precisar de um saco grande para vômito.

Mas, pela primeira vez, os olhos de Cass estavam cheios de lágrimas. Se havia uma coisa com a qual ela sabia que não podia competir, era aquele tipo de paixão obsessiva. Se era, ou não, amor, só o tempo iria dizer realmente. Se bem que, após vinte e quatro anos juntos, como poderia ela providenciar tanta novidade e entusiasmo como alguém acabada de conhecer?

— Estou a ouvir bater na porta da frente — disse Jack.

— Jornalistas. Desliguei a campanha. — *Quão bizarro*, pensou Cass, *que ainda possamos falar de uma coisa tão banal como uma campanha*. Com as lágrimas amainadas, respirou fundo. — E agora? Vais sair de casa? Vamos divorciar-nos? Acho que tenho o direito de saber.

— Oh, meu querido, estou tão feliz por te ver!

A imprensa não tinha perdido tempo a revelar a identidade da amante misteriosa de Jack Mandeville. Às nove horas daquela noite, o apartamento de Imogen estava também sob vigilância. Tal como Jack, ela tinha precisado de conduzir como uma louca para conseguir fugir dos fotógrafos. O desértico nono andar de um estacionamento de vários andares em South Kensington podia não ter o encanto do Expresso do Oriente nem do Taj Mahal, mas naquele momento parecia-lhe o local mais romântico do mundo. Os dedos de Imogen acariciaram a parte de trás do pescoço de Jack enquanto o abraçava com força.

A sua experiência anterior com homens casados era de que eles mantinham firmemente as amantes à parte e nunca deixavam as mulheres. Era por isso que nem sequer se tinha atrevido a esperar que Jack alguma vez fosse deixar Cass. Algumas perspectivas eram demasiado improváveis.

Mas desta vez era diferente. Tudo podia acontecer. O romance dos dois estava já a descoberto e as possibilidades eram infinitas. Ela tinha até dado por si naquela manhã a rabiscar Imogen Mandeville — a experimentar simplesmente o tamanho do nome — no bloco de notas do telefone. Afinal, Jack era nitidamente dos que casava.

— Céus, que dia! — Jack estava a apertá-la com tanta força que os seios dela quase saltaram para fora do decote do vestido com padrão azul e verde. A respiração quente dele contra o seu ombro nu fez arrepiar os pequenos cabelos no cimo da coluna.

— Pobrezinho. — Imogen inspirou o perfume afrodisíaco dele. — Foi horrível? E a Cass? Como é que está a reagir?

— Como era de esperar. Perguntou-me se eu queria o divórcio.

Os cabelinhos no cimo da coluna de Imogen levantaram-se duplamente em sentido.

— Oh? — Imogen tomou cuidado para não soar demasiado entusiasmada. — E o que disseste tu?

Jack suspirou. — É demasiado cedo para dizer alguma coisa. Ela está em estado de choque. Na verdade, eu também estou em estado de choque. A Cass nem sequer chorou ainda, ela só... treme.

— Ela deve odiar-me. — Imogen tentou sentir-se culpada. Tinha realmente gostado de Cass. O problema é que gostava mais de Jack.

— Bem, não estás exatamente no topo da lista de cartões de Natal. — Jack sorriu-lhe de modo apologeticamente. — Pensando bem, não vais estar no topo de várias listas de cartões de Natal. Isto não vai ser fácil para ti, querida. Toda a gente adora a Cass. Para eles, ela é a Branca de Neve...

— E eu vou ficar com o papel da Bruxa Má. — Imogen já tinha calculado isso. Já tinha visto tal acontecer vezes suficientes nos jornais para conhecer o procedimento habitual. No dia seguinte ia ter de posar para os fotógrafos. Toda a gente iria compará-la com Cass, a adorada menina de ouro. O país inteiro iria indagar-se o que teria ela para oferecer que Cass não tivesse. Ia ter de se vestir com cuidado para garantir que não daria a ninguém a oportunidade para escarnecer e perguntar que diabos Jack Mandeville acharia que estava a fazer. Não podia parecer nem uma desmazelada, nem uma lambisgoia, nem uma prostituta e nem uma cabra.

Jack beijou-a. — As próximas semanas vão ser duras.

— Não me importo — sussurrou Imogen. — Vai valer a pena. — Por um momento, os seus olhos perscrutaram febrilmente o rosto dele. — Vai valer, não vai? Não vais largar-me e fingir que nada aconteceu, pois não?

— Não sejas tola. — Baixando a cabeça, Jack beijou-a novamente, com força. — Como podes perguntar uma coisa dessas? Amo-te demasiado para isso.

Sophie, que tinha passado a semana com uma colega em Hemel Hempstead, tinha finalmente ficado a saber o que estava a acontecer através de uma outra amiga da escola que tinha passado a noite a telefonar a todos os conhecidos para espalhar a deliciosa novidade. Horrorizada, Sophie tinha pedido boleia ao irmão mais velho da amiga e chegado a casa às dez horas para encontrar a mãe a deambular como um zombie pela cozinha com três camisolas de lã e o pai fora.

Quando Jack regressou, era quase meia-noite. O coração caiu-lhe aos

pés quando viu Sophie, à sua espera, sentada de pernas cruzadas no alpendre.

— Oh, pai, o que se passa contigo? — O pequenino rosto delicado por baixo da franja desalinhada estava assombrado, e a luz amarelada do pórtico só enfatizava a sua palidez. — Como foste *capaz*?!

— Lamento imenso, querida. — Jack sabia que as palavras eram inadequadas, mas que mais podia dizer? — Eu sei que isto é péssimo para ti...

— Para mim, não. *Eu* estou bem! — Sophie gesticulou impacientemente em direção à casa. — Estava a perguntar como foste capaz de fazer isto à mãe!

— Tu tens catorze anos. — Tentou pôr o braço em volta dos ombros estreitos da filha, mas ela sacudiu-o. — Sophie, é impossível entenderes...

Ela passou por ele e entrou na casa com uma expressão de pura repugnância.

— Ouve o que estás a dizer. És tu quem é imaturo. Por amor de Deus, pai, como pudeste sequer pensar em envolver-te com alguém assim? A Imogen Trent é uma cabra falsa.

— Não é, não — respondeu Jack friamente, — e se eu te ouvir a dizer alguma coisa dessas a alguém fora desta casa, vais arranjar problemas sérios! Estás a ouvir-me, Sophie?

Tal como acontecera com Cass mais cedo, também Sophie discerniu o tom protetor na voz dele e constatou que nada do que pudesse dizer iria mudar a opinião que ele tinha de Imogen. Estava demasiado envolvido para sequer ouvir.

— Oh, estou a ouvir-te, sim, — resmungou Sophie, — mas és tu quem está errado.

Capítulo 16

Para Cass, o resto da semana foi um autêntico pesadelo. Apesar da grande vaga de calor, cortinas de chuva continuavam a cair torrencialmente de um céu cinzento oleoso. A única boa notícia, como Sophie salientou, era o facto de isso significar que as multidões de fotógrafos ainda amontoadas ao portão sofressem bem merecidas molhas.

Mas eles não tencionavam, claramente, ir-se embora enquanto Cass não lhes desse as fotografias que queriam. Ela não podia esconder-se eternamente e Imogen já tinha feito a sua parte. Odiando-se por ser tão fraca, Cass tinha, todavia, fitado horas a fio as fotografias expostas em quase todos os jornais nacionais, indagando-se vezes sem conta como podia aquilo ter acontecido, como podia ter sido tão tola.

Para a sessão fotográfica, Imogen tinha escolhido uma recatada, mas confortável, camisa branca e uma saia estreita, amarelo-girassol, acima do joelho. Os sapatos eram de salto baixo. O cabelo ruivo estava preso frouxamente com travessas e a maquilhagem era bastante simples. Apenas os olhos brilhantes e o sorriso sexy e cúmplice davam a entender que ela não era tão Doris Day como podia parecer. Isso, e uma fotografia completamente mais voluptuosa, obtida por uma agência de informação de «um velho conhecido», de Imogen num biquíni demasiado reduzido a jogar um entusiástico jogo de voleibol numa praia espanhola.

— Vais trabalhar? — perguntou Jack na sexta-feira de manhã depois de Cass terminar o telefonema com o produtor. Para estimular a confiança dela e conseguir de alguma forma aplacar a própria culpa, estendeu o braço sobre a mesa do pequeno-almoço e tocou-lhe na mão. — Não te preocupes, enfrentaremos a imprensa juntos. Alguns minutos e o pior terá passado.

Erguendo os olhos dos seus cereais, Sophie não disse nada.

Cass olhou fixamente para Jack e retraiu a mão como se ele tivesse acabado de lha morder.

— E dizemos-lhes o quê? Que o meu marido é um filho da mãe, mas eu amo-o tanto que vou ficar do lado dele? Não, obrigada. — Pôs o prato

de lado, deixando a torrada intacta. — Se eles me querem, podem ter-me como sou. Não vou fingir nada. E não vou fazer cara de valente.

Sentindo nitidamente que já tinha feito tanto quanto seria de esperar, Jack encolheu os ombros e desapareceu escada acima.

— Eu vou contigo, — ofereceu-se Sophie, — queres?

Cass conseguiu fazer um breve sorriso. — Estava a ver que nunca mais perguntavas.

O trabalho era tão difícil de suportar como Cass tinha previsto, mas pelo menos dava-lhe algo que fazer. Renunciando corajosamente a uma manhã no Museu de História Natural, Sophie acompanhou-a aos estúdios e disse: «Deixa-me entrar primeiro», quando Cass ainda estava à procura de um lugar para estacionar.

Cass deixou-a ir, sabendo que ela iria avisar todos para não falarem do que obviamente os preocupava mais. Cass era capaz de lidar com a conversa fugaz do dia-a-dia. Palavras amáveis e compaixão reduziam-na a geleia. Era muito mais fácil fingir que simplesmente não tinha acontecido.

Mas o medo de perder a coragem quando estivesse no ar assombrava-a como um fantasma brincalhão. Vinte minutos depois do início do programa, Cass viu através da divisória em vidro um enorme ramo de rosas brancas com folhas verdejantes envolto em celofane a ser entregue. Eram de um velho cavalheiro encantador, um viúvo reformado de Rotherhithe, que lhe escrevia, pelo menos, duas vezes por semana. «Anime-se, minha querida, estamos todos do seu lado», incitava o bilhete que acompanhava as flores, e Cass teve de cerrar os dentes para não chorar. O pior estava para vir uma hora depois quando ela atendeu uma chamada de Betty, de Essex. O tópico da conversa era o último filme de Kenneth Branagh, supostamente um tema seguro, mas Betty, no Essex, assumiu o comando.

— ... e eu sei que a rapariga do telefone disse que eu não devia tocar no assunto, mas eu tinha de lhe dizer, Cass, que achamos que você está a reagir maravilhosamente. Aquele seu marido imbecil deve estar doido varrido se acha que...

— Meu Deus, que pena, parece que perdemos a chamada. — Assim que premiu o botão, Cass viu a mão começar a tremer. Através da divisória de vidro, o produtor encolheu-se visivelmente. Cass forçou um sorriso e inclinou-se para o microfone. — Mas falar da minha vida privada é a última coisa que precisamos. Vamos antes alegrar-nos com música, está bem? Que tal «That Don't Impress Me Much», da Shania Twain?

Cass tinha conseguido chegar ao fim do primeiro dia de regresso ao trabalho, mas isso não significava que tivesse sido fácil. A última edição do *Eve-*

ning Standard exibia uma das fotografias tiradas naquela manhã. Em casa, Cass observou atentamente a fotografia e viu que parecia tão assombrada como se sentia, o que só ia fazer toda a gente sentir ainda mais pena dela. O artigo que a acompanhava, intitulado «Gostaria realmente de saber se o seu marido andasse a pular a cerca?», dizia praticamente tudo. Parecia que um surpreendente número de mulheres achava melhor não saber. Tantos casos extraconjugais acabavam por perder o fulgor por moto próprio, diziam, para quê arriscar perturbar a tranquilidade? Demasiadas mulheres, após a descoberta do que tinha andado a passar-se nas suas costas inocentes, reagiam com exagero. Quem se divorcia a correr, toda a vida tem para se arrepender, alertava uma velha conselheira sentimental que tinha, aparentemente, visto centenas de casamentos arruinados e parecia achar que, para início de conversa, a culpa era toda das mulheres traídas por armarem confusão.

— Mas o que é que aquela vaca velha ressequida sabe sobre o assunto? — perguntou Cleo alguns dias depois.

Presa em Milão numa missão quando a história tinha rebentado, Cleo tinha acabado de chegar a casa sobrecarregada com perfumes livres de imposto e uma garrafa enorme de *Cointreau* para Cass. Indignada com o comportamento do pai, e desesperadamente protetora da mãe, estava, pela primeira vez, a passar os olhos pela montanha de artigos da imprensa e a alarmar Cass com a sua linguagem chocante.

— Não serve de nada enervares-te. — Cass tentou dar pouca importância à situação. — Toda a gente tem direito à sua opinião.

— E a minha opinião da Nancy Wiberley é que ela é uma velha solteirona desesperada e que tem tanto *sex appeal* como uma vespa.

Cleo estava furiosa e, com Jack fora de casa, não tinha mais ninguém sobre quem descarregar a raiva. Os homens eram todos uns canalhas, ela sabia disso, mas a descoberta brutal de que até o próprio pai também o era, tinha-a deixado de rastos. Era impensável, a pior das traições. E quanto àquela cabra falsa da Imogen Trent...

— Anda, vamos abrir o *Cointreau*.

Eram sete da tarde de domingo e Cass estava mais do que pronta para uma bebida. Quando regressou à sala de estar com dois copos cheios de cubos de gelo, Cleo estava uma vez mais a ler atentamente o *Mail* do dia anterior. Até então não tinha havido abrandamento no interesse da imprensa. Todos queriam saber o que se passaria em seguida. *Não são os únicos*, pensou Cass. Jack tinha desaparecido à hora de almoço e ela não fazia ideia quando, ou se, ele regressaria. Contudo, quando lhe perguntara naquela manhã se ele iria sair de casa brevemente, ele parecera bastante apanhado de surpresa.

Cleo, que envergava apenas uma t-shirt preta justa, acima da barriga, e uns calções cor-de-rosa, estremeceu.

— Ainda não consigo acreditar que isto aconteceu. Como podes estar tão calma?

— Pareço calma? — Cass tentou sorrir. — Não me sinto calma.

— Então estás a fazer um bom trabalho a esconder.

A mãe fez um ar momentaneamente desamparado. — Mas que posso eu fazer? Brigas em público não são propriamente o meu estilo. Esta casa é tão do teu pai quanto minha. Não posso pô-lo na rua. Podia sempre ir-me embora, mas por que raios faria eu isso quando não fiz nada de mal?

— Oh, mãe. — Cleo, que tinha estado esparramada em cima do tapete, pôs-se de joelhos e deu um abraço a Cass. Quando os jornais crepitaram debaixo das suas pernas, ela viu com satisfação que um dos seus joelhos estava a esmagar uma fotografia de primeira página de Imogen Trent. — Nós havemos de resolver isto de alguma forma. — Apontando para o saco da Sainsbury's a abarrotar de correspondência que Cass ainda tinha de lhe mostrar, acrescentou: — E está toda a gente do teu lado. Isso deve ajudar.

Os cartões e as cartas tinham estado a afluir em massa, tanto para casa como para a estação de rádio. Cass sentia como se estivesse publicamente enlutada. A solidariedade, o apoio e a pura boa vontade que recebia de completos desconhecidos tinham-na sufocado. Claro que ajudava saber que essas pessoas se preocupavam tanto, dizia para si vezes sem conta. Mas o apoio delas estava, ao mesmo tempo, a tornar-se uma espécie de fardo. Era tudo muito estilo Disneylândia, pensou Cass com um ataque de irritação, repetindo, sem saber, o alerta que Jack fizera antes a Imogen. Ela era a Cinderela, Jack e Imogen eram as Irmãs Feias. Ela era a Branca de Neve, Imogen era a Bruxa Má. Ela era a mãe de Bâmbi, Jack era o caçador mau com a sua arma...

— Estou farta de ser a boazinha — anunciou Cass. Com um tilintar de cubos de gelo, terminou o *Cointreau* e acenou com a cabeça para a garrafa, estendendo o copo para mais. Como não tinha comido o dia todo, tinha agora o estômago agradavelmente aquecido. — Não quero que esteja toda a gente do meu lado. Porque terei eu de ser o capacho, a pobre da mulherzinha de quem todos têm tanta pena? Porque não posso eu fazer alguma coisa para me vingar?

— Arranja um amante! — gritou Cleo. Céus, que coisa mais estranha de se dizer à própria mãe.

Mas Cass abanou a cabeça. — Não ia conseguir. Não assim de repente.

— Ok. Arranja um homem deslumbrante e finge.

— Também não ia funcionar. — Cass parecia desanimada. — O Jack

conhece-me demasiado bem. Não se deixaria enganar nem por um segundo.

— Será o pai? — A cabeça de Cleo girou quando a porta de casa se abriu. Pronta para o confronto, o coração começou a bater mais depressa. — Muito bem, vou dizer-lhe o que penso dele.

Mas não era Jack, era Sophie que regressava de uma visita de estudo de geologia a Epping Forest. No momento em que a porta se fechou com violência atrás dela, o telefone na entrada começou a tocar.

— Era o pai. — Com as botas cheias de lama, entrou na sala de estar menos de trinta segundos depois. — Ele não vem passar a noite a casa. Precisa de tempo para pensar. Pediu desculpa. — A cara de Sophie não tinha expressão quando ela removeu os óculos, limpou a chuva das lentes com a fralda da camisa amarrotada e olhou para Cass. — Eu perguntei se ele queria falar contigo, mas ele estava com pressa para desligar o telefone.

— Aposto como não conseguiu despachar-se suficientemente depressa. — A voz de Cleo escorria desprezo. — De facto, precisa de tempo para pensar. Canalha.

— Cleo.

— Não faz mal, eu já ouvi essa palavra. — Sophie afundou-se no sofá ao lado de Cass e descalçou as botas imundas. — Tenho um pai assim, lembra-te? E lamento ter de dizer isto, mas estou farta, até à ponta dos cabelos, de ouvir falar no assunto. Todas as pessoas na minha visita de estudo, incluindo professores, disseram que pena era tu e o pai estarem a atravessar esse problema... «Pobre da tua mãe, deve ser terrível para ela.» Até o velho chalado do Sr. Melrose me encurralou no autocarro no caminho de regresso para me pedir para te transmitir cumprimentos. Ugh! — Sophie estremeceu ao pensar em Edgar Melrose, que tinha um problema de transpiração absolutamente nojento e dentes verde-musgo. — Eles simpatizam contigo. Aquele homem dá-me vômitos.

Cass sabia que ia ter de fazer alguma coisa. A única questão era o quê. Enquanto Sophie bebia *Coca-Cola* sem caféina e Cleo devorava um pacote de *HobNobs* de chocolate, Cass não parava de encher o copo com *Cointreau*.

— Vou ter uma dor de cabeça terrível amanhã de manhã.

— Pelo menos vais conseguir dormir. — Cleo sabia que, de outra forma, a mãe iria passar a noite às reviravoltas na cama de casal, a torturar-se com pensamentos sobre o que Jack estaria a fazer com Imogen.

— *Lady Graham-Moon* — disse Cass de repente. Sentou-se direita, entusiasmada. — Lembram-se? Aquela que cortou as mangas de todos os fatos *Savile Row* do marido! Que mais fez ela?

Cleo lembrava-se vagamente. Tinha acontecido anos antes, mas tinha

havido uma enorme cobertura por parte da imprensa na altura. Quando descobrira a infidelidade do marido, *Lady Moon* tinha-lhe destruído os fatos extremamente caros, atirado alguns litros de tinta branca brilhante para cima do seu carro de luxo e...

— Já sei! — exclamou Cleo. — Ela assaltou a adega de vinhos dele e deixou centenas de garrafas de clarete de reserva à porta das pessoas, como se fosse um cruzamento entre um leiteiro e o Pai Natal. Sensacional! — Sorriu largamente com a perfeição da ideia. — É isso que vamos fazer ao pai.

— Só que não temos nenhuma adega e cortar os braços de fatos da Marks & Spencer não tem a mesma emoção — salientou Sophie. Entusiasmada para fazer alguma coisa construtiva, mas sempre prática, continuou: — E, de qualquer forma, não podes copiar a vingança de outra pessoa. Tem falta de impacto.

Cinco copos de *Cointreau* estavam a exercer o seu tipo de impacto em Cass. Ela estava a gostar daquilo; decidir não ser mais objeto de pena e planejar um castigo adequado para Jack estava a animá-la muitíssimo, mas ela estava a sentir-se, decididamente, zozna. Teve de pestanejar duas vezes e concentrar-se com força no relógio de pulso para perceber que, surpreendentemente, já passava da meia-noite.

— Acho que vou ter de ir para a cama — enunciou lenta e cuidadosamente para não se enganar. — Isto não está certo, Cleo, não devias ter aberto aquela garrafa. Nenhuma de vocês se atreva a vender esta história aos jornais...

— Boa-noite, mãe. — Sophie inclinou-se para a frente e beijou a bochecha corada de Cass. — Dorme bem.

— Amanhã pensamos noutras formas de ensinar uma lição ao teu pai — prometeu Cass afetuosamente. — Sabes, ele é bastante vaidoso. Que tal rapar-lhe uma sobancelha enquanto ele estiver a dormir?

O relógio de parede do hall estava a anunciar as três horas quando Sophie e Cleo passaram silenciosamente por ele com os braços cheios de sacos contendo tudo o que precisavam para executar a vingança necessária. Não que houvesse necessidade de não fazerem ruído; no piso de cima, ajudada pelo *Cointreau*, Cass estava a dormir profundamente. Se nem se tinha mexido quando Sophie, mais cedo no sótão, tinha tropeçado e caído em cima de um caixote com louça de porcelana, dificilmente iria ser incomodada pelo estalido na porta da frente.

Com o carro carregado, Cleo conduzia e Sophie orientava, consultando o seu mapa surrado com uma lanterna enquanto percorriam as ruas praticamente desertas da cidade.